

Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Saúde de Viseu



Josefa Ramos da Silva

Bullying nos estudantes do 6.º ao 7.º ano da Escola Municipal Casinha Feliz

Abril de 2016



Josefa Ramos da Silva

Bullying nos estudantes do 6.º ao 7.º ano da Escola Municipal Casinha Feliz

Tese de Mestrado

Mestrado em Educação para a Saúde

Trabalho efetuado sob a orientação da Prof.ª Doutora Lídia do Rosário Cabral

Co-orientador: Prof. Doutor João Carvalho Duarte

Abril de 2016

Um dia a vida me feriu com tanta força que me ensinou a resistir...

Um dia mentiram pra mim, de tal maneira que me magoou e, então eu aprendi a sempre seguir em frente...

Um dia me decepcionou quem eu menos imaginava, e percebi que as palavras devem ser exercidas e as ações assumidas...

Às vezes é preciso virar a lauda e começar do nada, mesmo com o coração ferido...

Mesmo que custe outro dia...

O mais perfeito guerreiro não é quem sempre vence, mas quem volta sem receio à batalha.

Deus pelo presente da vida brilhante sabendo que os empecilhos foram muitos, que em oração permitiu-me iniciar e terminar este estudo.

Aos meus pais Estelito Ramos e Rita Bezerra que apesar dos obstáculos, sempre me incentivaram nos estudos, respeitando minha ausência nas horas das quais queriam minha presença.

Mensagem: Albert Einstein proferia que o Universo é um espaço duvidoso de se habitar, não por causa daqueles que fazem o mal, mas evidentemente por razão daqueles que investigam e deixam o mal incidir (CALHAU, 2009).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pelo privilégio de chegar até aqui.

Agradeço também em especial:

Aos meus filhos: Jadson, José Ronaldo Filho, Jussara e Enaura que souberam enfrentar a minha falta de companhia e paciência e que apesar dos obstáculos, foram grandes incentivadores para que eu prosseguisse em busca de mais uma vitória.

A meu esposo José Ronaldo, apesar de todos os problemas enfrentados, sempre me incentivou nos estudos e continuo admirando-o como pai dos meus filhos.

A minha amiga Luciene Bispo, que me levou até a instituição para que eu fizesse a matrícula e concluísse o meu mestrado.

As minhas amigas de turma em especial, Ana Maria e Eliane Tavares, com as quais troquei ideias, aprendi e também ensinei, ri, desabafei e compartilhei muitos momentos bons e ruins ao longo destes dois anos.

A minha amiga Lúcia Paulino que desistiu dos estudos para se dedicar a sua mãe, pois naquele momento estava com problemas de saúde e precisava de sua companhia, mas que esteve presente connosco em nossos pensamentos.

Aos demais colegas e professores de mestrado, pelos ensinamentos compartilhados.

A minha filha Jussara que me ajudou bastante nas tabelas e nos gráficos, o meu muito obrigado.

Aos gestores, educadores e educandos da Escola Casinha Feliz, participantes desta pesquisa, sem eles este trabalho não teria a dimensão no qual se encontra.

À professora doutora Lídia Cabral pelo incentivo e contribuição pessoal, científica e organizacional, mas sobretudo porque me fez descobrir que existe um mundo desconhecido á nossa espera.

RESUMO

Introdução: O bullying tem provocado debates no campo da educação, uma vez que um lugar de aprendizagem não pode ser permeado por ocorrências de violência.

Pretendemos com este estudo investigar as características dos atos de bullying ocorridos entre crianças e adolescentes em uma escola municipal da cidade de Igaci-AL. Tendo como objectivos específicos; a) apresentar uma revisão teórica referente ao fenómeno bullying no contexto escolar; b) analisar as abordagens de vários autores a respeito da temática no campo da educação; c) conhecer a prevalência do bullying em crianças e adolescentes a partir de questionário auto-aplicável no 6º e 7º ano da escola municipal Casinha Feliz; d) conhecer a opinião dos professores da escola municipal Casinha Feliz sobre comportamentos de bullying; e) conhecer a opinião dos alunos da escola municipal Casinha Feliz sobre comportamentos de bullying.

De acordo com (Beane,2010; Hamilton, Newman, Delville,& Delville,2008: Lopes, 2005; Nogueira, 2005; Silva,2010),

Metodologia: Estudo descritivo, retrospectivo e quantitativo, efectuou guião de entrevista que foi aplicada a 7 professores da escola municipal Casinha Feliz, e um questionário auto-aplicável a 125 alunos do 6º e 7º ano da escola municipal Casinha Feliz.

Resultados: Através da análise da entrevista foi possível concluir que a maioria dos professores já presenciara casos de bullying, sendo a agressão psicológica a mais comum, conhecer as consequências negativas, já tentar prevenir e combater, embora reconheçamos que por vezes as atitudes do professor podem ser desencadeadas pelo conhecimento sobre o assunto.

Pela aplicação e análise do questionário dos professores verificamos que a maioria já observou, 72% a usar termos pejorativos, 42% ameaça física, 57,14% aumentar o nível de dificuldade de provas como forma de intimidação, 71,43% faltas como castigo, 57,14% desvalorização, 28% comentários preconceituosos, 72,44% ironizar, 42,32% discriminar,72,43% comentários públicos, 57,14% conhece alguém que sofreu agressão, 71,43% conhece alguém que foi expulso e 57,14% foi humilhado, o tempo de serviço dos professores é de 4 a 29 anos.

Da aplicação e análise dos questionários dos alunos, estes observaram que 34% dos alunos já praticaram bullying, 68% com termos pejorativos, 44% ameaça física, 28% ameaça de expulsão, 52% aumentar o nível de dificuldade, 24% faltas por castigo, 56% desvalorização, 64% ironizar, 38% discriminar, 78% comentários públicos, 83% recusa

em esclarecer dúvidas, 60% agressividade, 44% transferência, 86% humilhação, 86% pouco a vontade na apresentação de trabalhos.

Conclusões: Os professores reconhecem pouca formação nesta temática e falta de estratégias eficientes para lidar com a mesma. Os próprios professores adotam os professores e alunos comportamentos propiciadores de desenvolvimento de bullying. De realçar que a percentagem de 30,4% de alunos que sofrem e praticam bullying é igual, embora varie de acordo com o ano que frequenta.

Palavras-chave: escola, fenómeno, conhecimento, crianças e adolescentes.

ABSTRACT

Introducion: Bullying has provoked debates in the field of education, as a place of learning cannot be permeated by instances of violence

We intend this study to investigate the characteristics of the acts of bullying occurred among children and adolescents in a municipal school in the city of Igaci-AL. Having specific objectives; a) present a theoretical review concerning the phenomenon bullying in the school context; b) to analyze the approaches of various authors on the theme in the field of education; c) to determine the prevalence of bullying in children and adolescents from self-administered questionnaire on the 6th and 7th grade municipal school Maisonette Happy; d) know the opinion of teachers of the municipal school Maisonette happy about bullying behaviors; e) know the opinion of students of the municipal school Maisonette happy about bullying behaviors

According to (Beane, 2010; Hamilton, Newman, Delville, & Delville, 2008: Lopes, 2005; Nogueira, 2005; Smith, 2010),

Methodology: A descriptive, retrospective and quantitative study, conducted interview guide that was applied to 7 teachers of the municipal school Maisonette happy, and a self-administered questionnaire to 125 students from the 6th and 7th grade municipal school Maisonette Feliz.

Results: Through interview analysis it was concluded that most teachers have witnessed cases of bullying, and the psychological abuse the most common, knowing the negative consequences already trying to prevent and combat, although we recognize that sometimes the teacher attitudes can It is triggered by the knowledge of the subject

By applying and teachers of the questionnaire analysis found that most have noted, 72% using pejorative terms, 42% physical threat, 57.14% increase the difficulty level of evidence as a means of intimidation, 71.43% faults as punishment , 57.14% depreciation 28% comments prejudiced, 72.44% ironic, 42.32% discriminate, 72.43% public comments, 57.14% know someone who has suffered aggression, 71.43% know someone who was eexpulso and 57.14% was humiliated, teachers' service time is 4-29 years

Application and analysis of questionnaires from students, they found that 34% of students have already practiced bullying, 68% with pejorative terms, 44% physical threat, 28% threat of expulsion, 52% increase the level of difficulty, 24% absence for punishment 56% devaluation, 64% ironizar 38% discriminate, 78% public comments, 83% refused to answer questions, 60% aggressiveness, transfer 44%, 86% humiliation, 86% little to ease the presentation of papers

Conclusions: Teachers recognize little training in this subject and lack of effective strategies to deal with it. Teachers themselves adopt teachers and students behaviors conducive to development of bullying.

Note that the percentage of 30.4% of students who suffer bullying and practice is the same, although it varies according to the year attending

Key words: school, phenomenon, knowledge, children and adolescents

INDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	24
1- Bullying.....	25
1.1 - Definição de bullying.....	26
1.2-Tipo de Bullying.....	29
1.2.1.- Direto.....	30
1.2.2- Indireto	30
1.3-FORMAS DE BULLYING.....	33
1.3.1- Verbal.....	36
1.3.2– Físico e material	36
1.3.3- Psicológico	37
1.3.4- Virtual ou cyberbullying.....	38
1. 4- Protagonistas do bullying.....	41
1.4.1 - Agressores.....	41
1.4.2- Vítimas.....	47
1.4.3 - Testemunhas.....	50
1. 5- Causas do bullying	51
1.6 – Conseqüências do bullying.....	55
1.7- O bullying no ambiente escolar e familiar	57
CAPÍTULO II - INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA.....	67
1 – Caraterização da escola.....	69
2. Metodologia.....	70
3- Objetivos.....	71
4-Procedimentos.....	71
5- Apresentação e análises dos resultados.....	73
5.1- Entrevista realizadas aos professores.....	73
5.2- Questionário aplicado aos professores.....	88
5.3 - Resultado dos questionários aplicados aos alunos.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100
ANEXOS.....	105

INDICE DE TABELAS

TABELA 1 - Respostas dos professores às questões sobre bullying.....73

TABELA 2 - Percentual de respostas dos professores às questões 10 a 31.....90

TABELA 3 - Percentual de respostas dos alunos às questões 10 a 31.....93

INDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01- PERCENTUAL DE ALUNOS PESQUISADOS POR SÉRIE SOBRE A PERGUNTA: “VOCÊ JÁ SOFREU BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR?.....94

GRÁFICO 02- PERCENTUAL DE ALUNOS PESQUISADOS POR SÉRIE SOBRE A PERGUNTA: VOCÊ JÁ PRATICOU BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR?.....95

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado que tem como temática “Bullying no 6º e 7º ano na Escola de Ensino Fundamental Casinha Feliz, localizada na cidade de Igaci.-AL. Que apresenta como objetivo fundamental investigar as características dos atos do bullying ocorridos entre crianças e adolescentes em uma escola municipal da cidade de Igaci-AL, Brasil. Tendo como objetivos específicos: a) apresentar uma revisão teórica referente ao bullying no contexto escolar, b) analisar as abordagens de vários autores a respeito da temática no campo da educação, c) Conhecer a prevalência de bullying em crianças e adolescentes a partir de questionário auto-aplicável no 6º e 7º ano da escola municipal Casinha Feliz; d) Conhecer a opinião dos professores da escola municipal Casinha Feliz sobre comportamentos de bullying; e) Conhecer a opinião dos alunos da escola municipal Casinha Feliz sobre comportamentos de bullying.

Durante muito tempo, procedimentos como o de apelidar e/ou “zoar” de alguma pessoa podem ter sido observado como inofensivos ou naturais da infância e da inclusão entre as crianças e adolescentes na escola. Entretanto, esse tipo de conduta passou a ser cuidadosamente analisado em decorrência de ocasiões dramáticas que têm acontecido em distintas partes do planeta envolvendo jovens que dominam escolas e matam pessoas e/ou cometem suicídio; circunstâncias que se proporcionaram conectadas a maus-tratos entre semelhantes na escola.

As questões de bullying ganha relevo dar início a repercussão a partir de 1970 com estudos realizados por Fante a respeito de abusos entre semelhantes nas escolas vêm sendo ampliados por outros autores com a finalidade de reconhecer a questão e minimizá-la.

A agressão entre pares foi denominada de bullying e envolve condutas hostis e anti-sociais, que transformam de burburinhos interpessoais até ação criminosas de grande demarcação. Muitas destas circunstâncias dependem de fatores externos, de onde as intervenções podem estar além da responsabilidade e da aptidão das instituições de ensino e de seus servidores.

O procedimento de agressão escolar não é recente, mas a forma como professores, médicos, pesquisadores e comunidades enfrentam a dificuldade vem transformando de forma significativa. Em função da importância arriscou-se determinar e

delimitar uma tradução para esta palavra inglesa, no entanto nada expressivo foi conseguido.

Perante esta problemática é imprescindível uma investigação para analisar a categoria da assistência dos benefícios oferecidos aos alunos do 6º ao 7º anos, assim sendo, o meio apropriado para que seja adquirido esse controle por meio de conferências, estabelecimento escolar e entrevistas.

Uma forma bastante precisa para a realização deste reconhecimento e maior função nas instituições de ensino é a qualidade de vida do alunado, professores e demais funcionários cujo objetivo geral é contribuir para a concepção deste fato, refletindo sobre determinado desdobramentos que incidem no âmbito escolar, em específico o Bullying.

Levando em apreço o objetivo deste trabalho e visando desempenhar com a averiguação sobre a vivência do Bullying na relação aluno/professor, aluno/ aluno, da escola pesquisada, bem como identificar e analisar as técnicas e consequências deste no dia-a-dia dos mesmos.

Para a concretização deste estudo foram realizadas: pesquisa descritiva, pesquisa bibliográfica e documental (questionário), a mesma foi embasada em bibliografia disponível a respeito do assunto em questão, tendo em vista o levantamento do referencial teórico e diagnóstico das informações.

O encadeamento de procedimentos se deu da conseqüente forma, foi usado o procedimento bibliográfico de investigação, procurando descobrir na literatura as significações e as presumíveis implicações do que se convencionou denotar o fenômeno Bullying, para isso, foram empregados diferentes tipos de materiais fundamentando-se em divulgações de livros, revistas, artigos, teses, dissertações, além de divulgações da internet.

Em seguida procedeu-se uma pesquisa baseado na experiência, que ocorreu em uma escola da rede pública Municipal da cidade de Igaci-AL, com inclusão de toda a comunidade escolar, nesta investigação os aspectos de observação de caráter discreto e sistemático e entrevistas desempenhadas através de questionários e ao mesmo tempo a análise e interpretação dos dados contidos na mesma.

Esta dissertação incidiu em limitar o bullying dentro da escola, e terá duas partes que serão analisadas em capítulos: Definição de Bullying; o bullying no ambiente escolar e familiar, consequências do bullying; capítulo II ,pesquisando condutas de bullying na

escola de Igaci-AL. Resultados e análises dos dados e por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas e apêndices.

CAPÍTULO I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Bullying

Para entendermos melhor o fenómeno bullying é imprescindível pensarmos sobre o papel e a função da escola na sociedade. De acordo com Silva (2010), a escola é correspondente nos casos de bullying, pois é lá de onde as condutas agressivas e transgressoras se demonstram ou se ofendem na maior parte das vezes, A direção da escola, como autoridade máxima da instituição precisa acionar os pais. Já Almeida, Silva Campos (2008), alegam que a escola é muito importante no desenvolvimento das crianças e adolescentes, sendo este insatisfatório aos que não gostam dela, com comportamentos físicos e emocionais a saúde ou anseio de constrangimento com a vida.

É a partir da escola que as pessoas se humanizam e se socializam, na medida em que internalizam os valores e padrões sociais transmitidos, garantindo assim a autonomia e a inclusão dos sujeitos no grupo social. Para se compreender melhor o papel social da escola é relevante nos aprofundarmos sobre os aspectos históricos do seu desenvolvimento.

Na Idade Média só a nobreza tinha acesso á escola, naquela época o seu principal papel era transmitir a cultura da aristocracia e os conhecimentos religiosos, o desenvolvimento industrial acarretou amplas transformações nos séculos XIX e XX. Uma das decorrências da industrialização foram as mudanças ocorridas na família, que sozinha não podia criar filhos para a sociedade, com a revolução industrial o trabalho se tornou aprimorado, devido as novas tecnologias, estabelecendo assim, uma qualificação da mão de obra. A partir disso a escola passou a desempenhar uma nova função; preparar a mão de obra para o trabalho e qualificar o trabalhador.

Esses são os aspectos que contribuíram para a formação da escola que apreciamos atualmente, cujo desígnio fundamental é o de preparar a criança e o adolescente para viverem no mundo adulto. Além do bullying, a violência na escola pode se apresentar de maneira perspicaz nas relações entre alunos e professores especialmente quando essa é qualificada pela desmoralização e pela ausência de diálogo. Para que a função e transmissão de cultura sejam desempenhadas é dever da escola, com a colaboração da família encontrar caminhos para diminuir os casos de violência.

1.1-.DEFINIÇÃO DE BULLYING

O termo *bullying* não há conceito exato para a língua portuguesa. Bully, em inglês, quer dizer "valentão", que se origina do vocábulo Bull (touro). Deste modo, a palavra *bullying*, em geral, é demonstrada por "intimidação" ou às vezes por "humilhação". Estas traduções e palavras não são apropriadas, pois balizam o fenómeno a excepcionalmente algumas de suas formas de manifestação e/ou consequências. A palavra *bullying*, ainda sendo um estrangeirismo e recriminada por profissionais, é adotada seguida de sua significação e evita-se usar traduções ou termos contemplados congruentes no dialeto português.

De acordo com Fante (2005), alguns pesquisadores consideram no mínimo três ataques contra a mesma pessoa durante o ano para ser classificado como bullying. Segundo a autora, bullying é um conjunto de costumes hostis intencionais e repetitivas que acontecem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros, causando dor, sofrimento, angustia, ofensa, intimidações, apelidos desumanos, gozações que magoam profundamente.

Conforme o pensamento de Chalita (2008), o bullying é um conjunto muito bem definido, não escolhe classe social ou económica, escola pública ou particular. Área urbana ou rural, ele está presente em grupos de crianças ou adolescentes, em escola de países e culturas diversas. Isso nos mostra que o bullying está sendo considerado causa de agressividade nas escolas, ocasionando consequências negativas para todos os protagonistas do bullying, afetando a formação psicológica, e sócio-cultural do aluno.

De acordo com a autora, *bullying* é uma palavra de origem inglesa que é adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. Numa abordagem etimológica a palavra *bullying* “é um verbo derivado do adjetivo inglês bully, que significa valentão, tirano.”

Camargo (2009, p. 20) argumenta que “[...] *bullying*, portanto, é uma categoria de agressão física e/ou psicológica incidida de forma intencional, repercutida, sem causa aparente que explique tal caráter, provocando uma implicação” A autora reitera a forma intencional e repetitiva que caracteriza as maneiras impetuosas das brincadeiras habituais na escola.

O procedimento *bullying* difundido na revista Ser Família (Lisboa, 2010, julho/agosto) marca para a reflexão de que provavelmente o fenómeno *bullying* possa ser

consequência da sociedade contemporânea, individualista, competitiva e que reforça a banalização de valores éticos, as informações de respeito ao outro, como afirmado anteriormente.

A autora enfatiza, também, que os seres humanos são influenciados por fatores macrossistêmicos (sociais, religiosos, entre outros) os quais interagem com características de sociobioecológicas procedendo em diversos comportamentos. A autora finaliza que a partir de leituras e investigação empírica que possui aspectos mais ou menos universais no processo de bullying, recomendando que é possível que este fenómeno não seja novo, mas antigo, no entanto não era identificado adequadamente. Ou seja, este tipo de violência entre os muros da escola transcorria despercebido ou eram descuidados por pais, professores e outros profissionais.

Para Olweus & Limber, (2010). Ressaltam que o *bullying* é apresentado como um comportamento agressivo proposital que acontece frequentemente em um relacionamento interpessoal qualificado por um desequilíbrio autêntico ou apreendido que invade o poder e a força.

Além disso, estudos comprovam que a prática de *bullying* constitui uma técnica inicial para a inclusão de práticas delinquentes graves no transcorrer dos anos (Bender & Losel, 2011; Farrington, Ttofi & Losel, 2011; Farrington, Ttofi, 2011; Ttofi, Farrington, Losel & Loeber, 2011).

Nessa expectativa, Leão (2010, p. 123) explana: A prática do *bullying*, analisada muitas ocasiões pelos pais e professores como brincadeiras de criança, brigas que envolvem xingamentos e insultos, mas que decorrem e, em alguma ocasião são declinadas e até desconhecidas, está além de ser uma conduta natural e benquista em um ambiente escolar.

Segundo Fante (2011) no mundo existem várias denominações para o bullying, na França, o denominam de harcèlement quotidién, na Itália, de prepotenza ou bullismo; no Japão, é conhecido como yjime; na Alemanha, como aggressionen unter shülern; na Espanha de acoso y amenaza entre escolares; em Portugal, como maus-tratos entre pares e no Brasil como não temos uma palavra própria para definir o termo adotamos o que é empregado na maioria dos países: bullying.

Os constrangimentos atribuídos às vítimas são comprovados por Bezerra et al. (2012, p. 2), quando garante que o constrangimento “[...] pode ser físico ou moral, poderíamos titular de costumes dentro desse ação os atos de humilhar, violentar, alcunhar, estilhaçar pertences, insultar, ridicularizar, desconhecer, recusar, xingar, constranger, entre outras formas de intimidação.” Tais modos analisadas hostis por parte das autoras importunam a percepção de que violências física e moral acontecem comumente respectivamente no *bullying*. As humilhações transpõem de atos verbais vexatórios há estrago de pertences pessoais da vítima até constrangimentos físicos.

Segundo Melo (2010, p. 19) “o bullying é um comportamento intencional, premeditado, sistematizado, esquematizado, pronunciado de forma recorrente de agressão verbal, psicológica ou física, seguido, sobretudo, no âmbito escolar ou externo à escola”.

Se nos questionamentos sobre os porquês de as vítimas sofrerem tamanha violência Beane (2010, p. 85), refere “[...] a necessidade de aceitação é premente. As crianças invariavelmente buscarão meios de atender a essa necessidade e muitos desses meios são inadequados e destrutivos.” Assim, para se sentirem benquistas ou abrigadas, as vítimas acabam se submetendo aos domínios dos agressores, que podem fazer parte de suas relações sociais diárias. Os agressores, além disso, podem utilizar a força física e a manipulação emocional para se sentirem aceitos no grupo social.

Muitas vezes, os agressores são desprovidos de afeição e precaução familiar e buscam o reconhecimento social por meio da prática indiscriminada do *bullying*. A intenção é de que, mesmo da forma mais violenta e patológica, satisfaçam a essa necessidade. Assim, conforme Mildelton-Moz (2007, p. 43), os *bullies* “[...] são inesperados: superprotetores, afetuosos, pondo-lhe em base em um momento, e tranquilamente destruindo seu ego no próximo” a autora distingue os agressores como imprevisíveis, o que pode causar mais angústia e aflição para as vítimas.

Segundo, Leão (2010, p. 119) a prática do *bullying* é ocasionada pela indigência que o subordinado tem de se infligir sobre o outro, tanto para a manifestação de poder, quanto para contentamento pessoal. Compreende-se que há uma necessidade de se auto assegurarem a todo o instante, diante de si mesmos e em semelhança aos outros [...] autora, descreve o caso de o agressor precisar sustentar seu *status* diante do contexto social, comprovando seu poder como simbologia de consideração e auto protesto. O contentamento pessoal surge da relação de preponderância que se constitui com as vítimas.

A palavra bullying é de origem inglesa, adotada em muitos países *para definir o anseio consciente de molestar e inibir uma ou mais pessoas e colocá-la sob conflito. Termo usado para conceituar toda a ação de abuso física ou psicológico proposital e recorrente, que se exprime sem nenhum pretexto aparente praticado por uma ou grupo de pessoas contra outros, com a intenção de intimidar ou agredir o individuo incapaz de se amparar ocasionando nas vítimas muitas angústias, levando-as ao afastamento social e em determinado acontecimentos á agressividade.*

De acordo com Fante (2005), alguns pesquisadores consideram no mínimo três ataques contra a mesma pessoa durante o ano para ser classificado como bullying. Segundo a autora, bullying é um conjunto de costumes hostis intencionais e repetitivas que acontecem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros, causando dor, sofrimento, angustia, ofensa, intimidações, apelidos desumanos, gozações que magoam profundamente.

1.2-TIPOS DE BULLYING

O *bullying* pode ainda ser direto, na ocorrência de agressões físicas ou verbais, e indireto ou relacional, quando ocorre exclusão social, rumores negativos ou ofensivos e por intimidação indireta (TRAUTMANN, 2008; ÁVILATOSCANO et al., 2010; KALTIALA-HEINO, 2011; BAUGHMAN et al., 2012).

Para Calbo et al (2009), o bullying pode ser qualificado em duas classes: bullying direto e bullying indireto.

Segundo Zottis,(2010) O *bullying* pode ser uma prática de violência direta ou indireta. No contorno de comportamento impetuoso direto, acontece agressão física (pontapés, puxões de cabelo, empurrões, lesão).

Lopes Neto, (2005). Classifica o *bullying* como direto quando as vítimas são atacadas diretamente. São considerados *bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. O *bullying* indireto são ações que levam exclusivamente ao isolamento social. Este envolve atitudes de indiferença, isolamento, difamação, exclusão.

1. 2.1- DIRETO

Segundo os autores (Lopes Neto, 2005; Rolim, 2010, Zottis, 2012; Lisboa & Ebert, 2012). A forma direta é a mais usada por agressores da espécie masculina, que desprezam, insultam com apelidos e empurram, deterioram objetos dos colegas, entre outras ações.

O *Bullying direto* é a forma mais comum em *bullies* do sexo feminino e crianças pequenas, e é caracterizada por forçar a vítima ao isolamento social. Este isolamento é obtido através de uma vasta variedade de técnicas, que incluem:

- difundir comentários;
- renuncia em se socializar com a vítima;
- amedrontar outras pessoas que almejam se socializar com a vítima;
- repreender o modo de vestir ou outros aspectos socialmente expressivos (incluindo a etnia da vítima, religião, incapacidades etc.).

A forma direta é a mais usada por agressores da espécie masculina, que desprezam, ofendem com apelidos e empurram, inutilizam objetos dos colegas, entre outras ações.

De acordo com Calhau (2010) e Chalita (2008) a forma direta é mais cometida pelos agressores do sexo masculino que aproveitam geralmente a força física e as atitudes são ofensa, apelidos injuriosos por um longo período de tempo, comentários racistas, agressões físicas (tapas, empurrões, chutes), extorsão de dinheiro etc.

1.2.2- INDIRETO

Seixas, (2005), A ocorrência do tipo indireto dificulta a identificação dos agressores nas pesquisas com questionários e passa para estes uma sensação de anonimato.

De acordo com Gabriel Chalita (2009), O bullying indireto, mais comum entre os subordinados do sexo feminino, é distinguido por constranger o retraimento social da vítima, o que ocorre por meio da dispersão de rumores, da renuncia em se socializar com a vítima, da chantagem das pessoas que esperam se socializar com a vítima e da ridicularização da aparência socialmente expressivos como o costume de aceitar, religião, orientação sexual e determinado incompetência, seja ela de natureza motora ou intelectual.

Para Gabriel Chalita (2009), o bullying indireto leva a vítima ao afastamento social, desenvolvendo uma atitude de insegurança e dificuldade de se relacionar, muitas vezes tornando-se uma pessoa retraída e desarmada. No bullying indireto os meios de comunicação é uma forma ativa que vem crescendo assustadoramente junto com o desenvolvimento da internet e dos telefones celulares, pois noticiam com presteza comentários desumanos e maldosos sobre as pessoas. Essa barbaridade virtual é conhecida como cyberbullying, nesta forma de bullying o agressor se dissimula no anonimato e tortura a vida de outros companheiros, através de laudas difamatórias na internet, mensagens de textos anônimas dentre outras.

De acordo os autores (Lopes Neto, 2005; Rolim, 2010, Zottis, 2012; Lisboa & Ebert, 2012). Bullying indireto adquire o enfoque de agressão verbal. Esses são mais perspicazes que a agressão física, entretanto com consequências tão graves quanto à agressão física (i.e. ofensas, apelidos degradantes e injuriosos, boatos, provocações de cunho sexual ou racial).

A forma indireta é a mais corriqueira entre o gênero feminino, induzindo a vítima ao retraimento social, por meio de descréditos, intrigas e fofoca desumanos distribuídos na escola e na sociedade.

De acordo com Pedra (2008), estudos divulgam que, na Inglaterra, 25% das meninas são vítimas de cyberbullying através de celulares. Nos Estados Unidos, uma informação surpreendente foi divulgada pela imprensa 20% dos alunos do ensino médio são alvos dessa forma de violência.

O bullying indireto é mais praticado pelas meninas que utilizam, sobretudo os ataques morais como espalhar fofoca, inventar mentira, entre outras atitudes que têm como objetivo levar a vítima ao isolamento social. As diferenças entre o bullying praticado pelos meninos e pelas meninas não significam que são sempre dessa forma.

Conforme Fante (2011, p.66) “uma tendência mundial indica que o bullying anteriormente sempre associado ao comportamento masculino, vem ganhando cada vez mais espaço entre as meninas”. De acordo com a autora as meninas estão copiando os comportamentos agressivos dos meninos inclusive fazendo uso de maus-tratos físicos como uma forma de demonstrar poder.

Segundo Guedes (2008), o grupo de indivíduos envolvidos de forma indireta com o bullying é ativa, são considerados espectadores todos que estão envolvidos no caso como “colegas, superiores, e funcionário em geral que fazem parte do ambiente escolar”, pois de certo modo estas pessoas participam da ação. São distinguidos em dois tipos de espectadores, sendo o conformista passivo e o conformista ativo.

Guedes (2008) destaca que o grupo adquire esse comportamento ou por medo de se tornar alvo ou por solidariedade para com o agressor. Os problemas causados pelo bullying não atingem somente a criança e o adolescente, trabalhador e as empresas, pois o Estado arca com os gastos referentes à saúde pública.

São classificados deste jeito, pois seu envolvimento com desempenho cruel não se dá de forma direta, porém também são culpados, considerando que nada fazem contra a violência que é praticada pelo agressor contra a vítima do bullying ou então cooperam de forma ativa, juntamente com o agressor, para a destruição da vítima.

De acordo com Gabriel Chalita (2009), O bullying indireto, mais comum entre os subordinados do sexo feminino, é distinguido por constranger o retraimento social da vítima, o que ocorre por meio da dispersão de rumores, da renúncia em se socializar com a vítima, da chantagem das pessoas que esperam se socializar com a vítima e da ridicularização da aparência socialmente expressivos como o costume de aceitar, religião, orientação sexual e determinado incompetência, seja ela de natureza motora ou intelectual.

Para Gabriel Chalita (2009), o bullying indireto leva a vítima ao afastamento social, desenvolvendo uma atitude de insegurança e dificuldade de se relacionar, muitas vezes tornando-se uma pessoa retraída e desarmada. No bullying indireto os meios de comunicação é uma forma ativa que vem crescendo assustadoramente junto com o desenvolvimento da internet e dos telefones celulares, pois noticiam com presteza comentários desumanos e maldosos sobre as pessoas. Essa barbaridade virtual é conhecida como cyberbullyng, nesta forma de bullying o agressor se dissimula no anonimato e tortura a vida de outros companheiros, através de laudas difamatórias na internet, mensagens de textos anônimas dentre outras nas pesquisas com questionários e passa para estes uma sensação de anonimato Shariff, (2011). Ressalta o que basicamente difere esses processos de outras formas de agressão são características que lhe conferem um caráter ordenado, sistemático e recorrente. Além disso, mesmo que possa não haver intencionalidade inicial, os atos agressivos contra a vítima se mantém

de forma voluntária resultando na exclusão social e no reforço positivo a diferentes formas de preconceito.

1.3-FORMAS DE BULLYING

De acordo com Fante (2005). As formas de bullying são: verbal(insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, “ zoar”) , Física e material (bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima) Psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar) Virtual ou ciberbullying (bullying realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet etc.).

Estudos difundem um pequeno predomínio dos meninos sobre as meninas. No entanto, por serem mais agressivos e usarem a força física, as atitudes dos meninos são mais aparentes. Já as meninas costumam praticar bullying mais na base de intrigas, fofocas e isolamento das colegas. Podem, com isso, passar despercebidas tanto na escola quanto no ambiente doméstico.

Assim, devidas as repercussões físicas e psicológicas das formas de bullying, tanto para as vítimas como aos agressores, não cabe mais pensar em intervenções clínicas individualizadas, mas sim em um amplo programa de enfrentamento e que de preferência envolva o contexto escolar como um todo. As evidências hoje disponíveis sobre a agressão entre as colegas, tanto na escola como em casa, sugerem que um programa preventivo de bullying e também do fenômeno do ciberbullying pode ser também, uma estratégia de prevenção em relação ao próprio comportamento suicida.

Shariff, (2011). Ressalta o que basicamente difere esses processos de outras formas de agressão são características que lhe conferem um carácter ordenado, sistemático e recorrente. Além disso, mesmo que possa não haver intencionalidade inicial, os atos agressivos contra a vítima se mantêm de forma voluntária resultando na exclusão social e no reforço positivo a diferentes formas de preconceito.

Belsey 2005; Cross *et al.*, 2004). Advertem que o *cyberbullying*, ainda pouco estudado no Brasil envolve o uso da informação e da comunicação tecnológicas para exercer comportamentos deliberados, repetidos e hostis por um indivíduo ou grupo, com a intenção de prejudicar os outros, Trata-se de expressões de *bullying* que ocorrem por meio da internet (*e-mails, chats, sites de racionamentos, jogos virtuais, orkut, dentre outros*) e de telefones celulares (torpedos, ligações, fotos digitais). Esse tipo de recurso

digital pode facilitar ainda mais a ocorrência da vitimização, pois o anonimato que a *internet* possibilita pode encorajar os agressores a ameaçar, intimidar e humilhar os outros. O aumento desse tipo específico de *bullying* está relacionado ao crescente desenvolvimento da tecnologia da informação e da comunicação digital.

Faustino *et al.*, (2008); Neto, (2005), asseveram que uma nova forma de manifestação do *bullying* contemporaneamente é denominada de *cyberbullying*; ela vem sendo observada com significativa assiduidade em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, devido ao aumento do uso de celulares e internet por crianças e adolescentes.

No Brasil, Faustino *et al.* (2008) realizaram uma revisão crítica sobre linguagem e agressão, enfocando o processo de *cyberbullying* identificado no *Orkut* (site de relacionamento). Segundo essas autoras, por um lado, a linguagem possibilita a interação saudável entre seres humanos, mas, por outro, pode ser um veículo eficaz para a manifestação e o reforço da agressão. É possível considerar o *cyberbullying* como uma forma de violência concretizada pela linguagem praticada nos meios de comunicação virtuais.

As autoras Faustino *et al.* (2008) apresentam uma reflexão importante sobre *cyberspace*, ou seja, o espaço cibernético. Este pode dar a entender que em uma espécie de distorção perceptiva nos seus usuários. Essa distorção é consensual: o espaço virtual pode ser idealizado, cognitivamente, nos mesmos termos do espaço real, além de ser diariamente utilizado e vivenciado por milhões de operadores no mundo inteiro.

Faustino *et al.* (2008) avaliou casos de algumas crianças, que, segundo informações no *Orkut* - site de relacionamentos, no qual cada indivíduo possui seu perfil com suas informações pessoais - apresentavam-se como vítimas de *cyberbullying*. Foram analisados recados deixados no *Orkut* nos perfis das vítimas, assim como comunidades criadas (outro recurso possível neste *site*) para ataques a vítimas. O conteúdo dessas mensagens inclui ameaças, calúnia e difamação e, inclusive, indução ao suicídio.

Ainda de acordo as autoras o ciberespaço é um espaço ilusionista, um conjunto de redes de telecomunicações que não se referem ao espaço físico real, mas a um espaço imaginário. O *cyber* espaço vai além da internet, já que adiciona comunicações via telefone, diferentes tipos de *sites*, salas de bate-papos virtuais, comunicadores instantâneos, dentre outros. Nesse espaço, é provável desenvolver uma série de relacionamentos similares aos do mundo real, com as especificidades, no entanto, do mundo virtual. Faustino *et al.*, (2008). O *bullying* que aí sucede pode ser beneficiado

(vigoroso) pela divergência entre o mundo real e o virtual. A agressão que se dá pelo meio virtual é, na verdade, uma ofensa real; mas as distorções perceptivas e cognitivas e a banalização de julgamento moral podem avigorar a ação de *cyberbullying* e provocar riscos terríveis para o desenvolvimento de crianças e adolescentes na contemporaneidade. (Faustino *et al.*, 2008).

Além de todos os fatores de risco do *bullying* em escolas, o *cyberbullying*, apesar disso, pode incluir riscos para a socialização e para o sistema interpretativo dos adolescentes. As diminuições de interações sociais, que envolvem comportamentos positivos, agressões e frustrações, podem levar o adolescente que protagoniza o *cyberbullying*, assim como o que sofre, a um déficit em suas capacidades sociais e recursos para aprendizagem de um modo geral.

Prados e Fernández, (2007). Apontam que as tecnologias são benéficas para a atividade profissional e social. No entanto, a agilidade das mudanças tecnológicas e a demanda constante de adequação a elas introduzem um novo estilo de vida, de um modo geral. Com a agressividade, não é diferente. As ferramentas disponíveis na internet admitem a divulgação de comportamentos típicos de *bullying*: maus tratos, advertências, chantagens e discriminações, nesse contexto, podem incidir de forma anônima e não limitada à interação direta e social ou a determinado no espaço de tempo

Os autores advertem que *cyberbullying* pode ser uma permanência do *bullying* que já acontece em outros contextos (escola, recreios) ou principiar somente mediante o uso das tecnologias de comunicação sem precedentes previamente averiguados. Os estudos sobre *cyberbullying* ainda são insuficientes e existe desconhecimento empírico sobre as consequências e as diferenças entre *bullying* tradicional e o *cyberbullying*, no que se menciona aos fatores de risco para o desenvolvimento das crianças e dos jovens envolvidos.

O *cyberbullying*, por ser uma forma de *bullying* indireto e não presencial, importuna o fato de o agressor, já que não tem contato direto com a vítima, não ver a dor e o sofrimento dela, e ter expressivamente lesado sua disposição de empatia. Cada vez mais, o "cyberagressor" obtém satisfação na preparação do ato impetuoso, na imaginação do dano causado - e no *cyberbullying* a punição é difícil - pode gerar distorções cognitivas importantes e problemas emocionais nesses adolescentes. Notícias na mídia, atualmente, apontam casos de jovens que veiculam vídeos de agressões na internet, cautelosamente projetados e importunados, até mesmo com montagens das filmagens e legendas.

Acredita-se que algumas vítimas utilizem a possibilidade de anonimato do *cyberbullying* para revidar os maus-tratos sofridos. Em relação à motivação do ato, o *bullying* também tem sido classificado em *bullying* reativo, que ocorre em resposta à raiva ou a maus-tratos sofridos pelo agressor, ou *bullying* proativo, usado para obter dominância sobre os outros. (informação) No contexto atual de desenvolvimento tecnológico, têm surgido novas formas de *bullying* associadas ao uso da tecnologia da informação ou seja por uso de internet, telefones celulares ou imagens, tendo sido este fenômeno denominado *cyberbullying*.

1.3.1 - VERBAL

De acordo os pesquisadores Björkqvist *et al.*, 1992). Eles recomendam e pontuam a existência de uma nova forma de agressão verbal que, em vez de ser inteiramente direcionada para a vítima, utiliza-se de terceiros para abordá-la. Um exemplo é o tornar-se amigo de outra pessoa como uma forma de vingança. Galen e Underwood (1997), na oportuna linha de pensamento, empregam a expressão agressão social para determinar uma agressão que almeja ferir a auto-estima ou o *status* social da outra pessoa.

Estudos difundem um pequeno predomínio dos meninos sobre as meninas. No entanto, por serem mais agressivos e usarem a força física, as atitudes dos meninos são mais aparentes. Já as meninas costumam praticar *bullying* mais na base de intrigas, fofocas e isolamento das colegas. Podem, com isso, passar despercebidas, tanto na escola quanto no ambiente doméstico.

Shariff, (2011). Ressalta o que basicamente difere esses processos de outras formas de agressão são características que lhe conferem um caráter ordenado, sistemático e recorrente. Além disso, mesmo que possa não haver intencionalidade inicial, os atos agressivos contra a vítima se mantêm de forma voluntária resultando na exclusão social e no reforço positivo a diferentes formas de preconceito.

1.3.2- FÍSICA E MATERIAL

O *bullying* físico é aquele que, como diz o nome, traz danos físicos para a vítima, onde o agressor, bate, puxa o cabelo, belisca, morde, prende a pessoa em algum lugar ou realiza algum outro ato violento por um pequeno motivo ou sem motivo algum. Como qualquer outro tipo de *bullying* ele pode começar na educação infantil e ir até o ensino médio, piorando no decorrer dos anos, pois o agressor adquire mais malícia e mais força.

Além disso, Lisboa & Ebert, (2012) ressaltam que a agressão física é a que mais chama cuidado porque é explícita, e de implicações imediatas e graves.

Segundo Smith *et al.*, (2004). A violência física é a forma que mais chama a atenção, porque é evidente e explícita e também porque tem consequências graves e mais imediatas. Este é um dos motivos pelos quais se torna difícil identificar episódios de *bullying* entre as meninas.

O estudo de Björkqvist *et al.* (1992), sobre o bullying verbal é um elemento importante e que o número de agressões físicas ratifica expressiva redução de frequência, com a passagem da infância para a adolescência, ao mesmo tempo em que o número de agressões indiretas adiciona. Esse estudo também apresenta que, a partir dos quinze anos, o número de agressões verbais das meninas se torna maior que o dos meninos. Essa diferença entre espécie foi aprovada em estudos de Crick e Grotpeter (1995) nos Estados Unidos.

1.3.3 - PSICOLÓGICA

É uma variação do verbal ou moral pode fazer com que a pessoa sempre pareça culpada, e o bullying faz coisas para culpar e prejudicar a vítima, o que pode acarretar problemas mais sérios, como depressão ou mania de perseguição.

Rolim (2008) argumenta que a conduta anti-social peculiares dos agressores, é imprescindível tipificar as implicações das inabaláveis investidas violentas importunadas pelos agressores. São inúmeras as presumíveis consequências, entretanto, algumas são habitualmente localizadas no desenvolvimento biopsicossocial das vítimas. [...] enurese, taquicardia, sudorese, insônia, enxaqueca, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e entendimento, desgosto, estresse e desalento, pensamentos de represália e suicídio, bem como reações extras psíquicas, expressos por agressividade, impulsividade, hiperatividade e excesso de substâncias químicas.

A agressão psicológica, que envolve o ambiente familiar, e o local de trabalho, é conhecida como a influência impresumível de determinadas pessoas sobre a capacidade de outras, com abuso de poder disciplinador, coercitivo, o tratamento abusivo das inclusões interpessoais, a restrição de determinadas pessoas diante de seus semelhantes, a violação dos direitos humanos e o indeferimento da vida, segurança e liberdade.

Camargo (2009) argumenta que “[...] *bullying*, é uma categoria de agressão física e/ou psicológica incidida de forma intencional, repercutida, sem causa aparente que explique tal caráter, provocando uma implicação.” Nota-se que, nessa consideração, a autora reitera a forma intencional e repetitiva que caracteriza as maneiras impetuosas das brincadeiras habituais na escola.

Segundo Silva (2010), estudos mostram uma breve dominação dos meninos sobre as meninas na prática do *bullying*. No entanto, por usarem mais a energia física, as atitudes dos meninos são mais compreendidas na escola. Desconhecem-se, por ocasiões, as agressões cometidas pelas meninas, o que pode causar consequências praticamente irreversíveis na auto-estima das vítimas.

LEÃO, (2010, p. 125). Entretanto, indica que há coerências teóricas no sentido de se idealizar que “[...] os *bullies*, na maioria das vezes, se abrangem em condições anti-sociais e de precipitação, quais sejam: roubo, drogas, álcool, tabaco, vandalismo e brigas.”

1.3.4- VIRTUAL OU CIBERBULLYING

Belsey 2005; Cross *et al.*, 2004). Advertem que o *cyberbullying*, ainda pouco estudado no Brasil envolve o uso da informação e da comunicação tecnológicas para exercer comportamentos deliberados, repetidos e hostis por um indivíduo ou grupo, com a intenção de prejudicar os outros, Trata-se de expressões de *bullying* que ocorrem por meio da internet (*e-mails*, *chats*, sites de racionamentos, jogos virtuais, *orkut*, dentre outros) e de telefones celulares (torpedos, ligações, fotos digitais). Esse tipo de recurso digital pode facilitar ainda mais a ocorrência da vitimização, pois o anonimato que a *internet* possibilita pode encorajar os agressores a ameaçar, intimidar e humilhar os outros. O aumento desse tipo específico de *bullying* está relacionado ao crescente desenvolvimento da tecnologia da informação e da comunicação digital.

Faustino *et al.*, (2008); Neto, (2005), asseveram que uma nova forma de manifestação do *bullying* contemporaneamente é denominada de *cyberbullying*; ela vem sendo observada com significativa assiduidade em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, devido ao aumento do uso de celulares e internet por crianças e adolescentes.

No Brasil, Faustino *et al.* (2008) realizaram uma revisão crítica sobre linguagem e agressão, enfocando o processo de *cyberbullying* identificado no *Orkut* (site de

relacionamento). Segundo essas autoras, por um lado, a linguagem possibilita a interação saudável entre seres humanos, mas, por outro, pode ser um veículo eficaz para a manifestação e o reforço da agressão. É possível considerar o *cyberbullying* como uma forma de violência concretizada pela linguagem praticada nos meios de comunicação virtuais.

As autoras Faustino *et al.* (2008) apresentam uma reflexão importante sobre *cyberspace*, ou seja, o espaço cibernético. Este pode dar a entender que em uma espécie de distorção perceptiva nos seus usuários. Essa distorção é consensual: o espaço virtual pode ser idealizado, cognitivamente, nos mesmos termos do espaço real, além de ser diariamente utilizado e vivenciado por milhões de operadores no mundo inteiro.

Faustino *et al.* (2008) avaliaram casos de algumas crianças, que, segundo informações no *Orkut* - *site* de relacionamentos, no qual cada indivíduo possui seu perfil com suas informações pessoais - apresentavam-se como vítimas de *cyberbullying*. Foram analisados recados deixados no *Orkut* nos perfis das vítimas, assim como comunidades criadas (outro recurso possível neste *site*) para ataques a vítimas. O conteúdo dessas mensagens inclui ameaças, calúnia e difamação e, inclusive, indução ao suicídio.

Ainda de acordo as autoras o ciberespaço é um espaço ilusionista, um conjunto de redes de telecomunicações que não se referem ao espaço físico real, mas a um espaço imaginário. O *cyber* espaço vai além da internet, já que adiciona comunicações via telefone, diferentes tipos de *sites*, salas de bate-papos virtuais, comunicadores instantâneos, dentre outros. Nesse espaço, é provável desenvolver uma série de relacionamentos similares aos do mundo real, com as especificidades, no entanto, do mundo virtual.

O *bullying* que aí sucede pode ser beneficiado (vigoroso) pela divergência entre o mundo real e o virtual. A agressão que se dá pelo meio virtual é, na verdade, uma ofensa real; mas as distorções perceptivas e cognitivas e a banalização de julgamento moral podem avigorar a ação de *cyberbullying* e provocar riscos terríveis para o desenvolvimento de crianças e adolescentes na contemporaneidade (Faustino *et al.*, 2008).

Além de todos os fatores de risco do *bullying* em escolas, o *cyberbullying*, apesar disso, pode incluir riscos para a socialização e para o sistema interpretativo dos adolescentes. As diminuições de interações sociais, que envolvem comportamentos positivos, agressões e frustrações, podem levar o adolescente que protagoniza o *cyberbullying*,

assim como o que sofre, a um déficit em suas capacidades sociais e recursos para aprendizagem de um modo geral.

Prados e Fernández, (2007). Apontam que as tecnologias são benéficas para a atividade profissional e social. No entanto, a agilidade das mudanças tecnológicas e a demanda constante de adequação a elas introduzem um novo estilo de vida, de um modo geral. Com a agressividade, não é diferente. As ferramentas disponíveis na internet admitem a divulgação de comportamentos típicos de *bullying*: maus tratos, advertências, chantagens e discriminações, nesse contexto, podem incidir de forma anônima e não limitada à interação direta e social ou a determinado no espaço de tempo.

Os autores advertem que *cyberbullying* pode ser uma permanência do *bullying* que já acontece em outros contextos (escola, recreios) ou principiar somente mediante o uso das tecnologias de comunicação sem precedentes previamente averiguados. Os estudos sobre *cyberbullying* ainda são insuficientes e existe desconhecimento empírico sobre as consequências e as diferenças entre *bullying* tradicional e o *cyberbullying*, no que se menciona aos fatores de risco para o desenvolvimento das crianças e dos jovens envolvidos.

O *cyberbullying*, por ser uma forma de *bullying* indireto e não presencial, importuna o fato de o agressor, já que não tem contato direto com a vítima, não ver a dor e o sofrimento dela, e ter expressivamente lesado sua disposição de empatia. Cada vez mais, o "cyberagressor" obtém satisfação na preparação do ato impetuoso, na imaginação do dano causado - e no *cyberbullying* a punição é difícil - pode gerar distorções cognitivas importantes e problemas emocionais nesses adolescentes. Notícias na mídia, atualmente, apontam casos de jovens que veiculam vídeos de agressões na internet, cautelosamente projetados e importunados, até mesmo com montagens das filmagens e legendas.

Acredita-se que algumas vítimas utilizem a possibilidade de anonimato do *cyberbullying* para revidar os maus-tratos sofridos. Em relação à motivação do ato, o *bullying* também tem sido classificado em *bullying* reativo, que ocorre em resposta à raiva ou a maus tratos sofridos pelo agressor, ou *bullying* proativo, usado para obter dominância sobre os outros. No contexto atual de desenvolvimento tecnológico, têm surgido novas formas de *bullying* associadas ao uso da tecnologia da informação ou seja por uso de internet, telefones celulares ou imagens, tendo sido este fenômeno denominado *cyberbullying*.

1.4- PROTAGONISTAS DO BULLYNG;

A partir da compreensão do bullying os protagonistas podem ser classificados como autor, vítima e testemunha de acordo com sua reação não há evidências que permita saber qual personagem seguirá cada aluno, sendo que poderá sofrer alterações de acordo com as circunstâncias vivenciadas dentro da escola.

Os pesquisadores do assunto destacam os participantes da manifestação em três categorias: os intimidadores, autores ou, ainda, agressores; as vítimas ou alvos; e os não participantes, observadores ou testemunhas. Essas três personagens do fato *bullying* são muito importantes para a perpetuação destes atos graves, quando não interrompidos por interferências externas.

Os autores, Francisco; Libório, (2008, p.201). Enfatizam que cometendo a agressão, intimidam tanto o alvo, que é humilhado, quanto os observadores, que podem passar a ter medo de se tornarem vítimas ou embora, almejem estar no lugar do autor, sobretudo por o observarem como aquele que desempenha poder. As testemunhas não participam diretamente em atos de *bullying* e geralmente se calam, por receio de tornarem-se as próximas vítimas.

É importante ainda pensar acerca da importância dos observadores para quem pratica o *bullying*, sua presença faz com que seja possível mostrar a diferença de poder não somente para a vítima, mas também para os outros colegas, criando-se assim, testemunhas omissas.

Neste sentido Chalita (2008, P. 85), relata que são vários os alunos envolvidos nessa situação de bullying, identificá-los é fundamental, mas com cuidado de não rotular os estudantes para que não sejam motivos de rumores desagradáveis dentro da comunidade escolar. Em todos os casos os envolvidos no bullying podem sofrer no que se diz respeito, na aprendizagem escolar e no convívio social.

1.4.1- AGRESSORES

Em pesquisa publicada em 2012, Scur e Carlotto verificaram que o intuito do comportamento do agressor é estragar propositalmente a autoestima do agredido, atacando assim o seu trabalho. O agressor disfarça conhecimentos desviando a erros, o que pode suscitar no agredido frustrações.

Estudos realizados por Binsfeld e Lisboa (2010) mobilizam e remetem à reflexão, que demonstrou os agressores apresentarem características depressivas enquanto que as vítimas não apresentaram estes indicadores. Apesar de que o fenómeno não possa ser generalizado, merece precaução e pode-se pensar que os agressores podem apresentar carácter abatido e tendem a se envolver em relações afetivas permeadas por violência e com alto índice de tumultos, participando de um período corrompido de violência.

Berger & Lisboa, (2009); Lisboa, (2010). Enfatizam que enquanto as vítimas apresentam uma percepção negativa de si mesmas e da circunstância, estas também podem demonstrar comportamentos agressivos e/ou apreensivos, e estarem mais predispostas a depararem problemas comportamentais e afetivos como depressões, e até mesmo suicídio.

Segundo Rolim, (2010). Os causadores do bullying são geralmente pessoas agressivas, mais violentas do que e proporcionam menos empatia. Costumam estar envolvidos em delinquência e práticas violentas. Os agressores são indivíduos notórios e possuem uma análise de carácter prático a respeito de sua agressividade.

Lopes Neto, (2005). Evidenciam desenvoltura em manejar os outros, sentem prazer e contentamento em reprimir, controlar e causar lesão e angústia às pessoas. Além disso, pode haver um elemento que produza benefício em seu comportamento, como rendimentos sociais e materiais. São menos satisfeitos com a escola e a família, mais predispostos ao absentéismo e à evasão escolar e têm uma intenção maior para proporcionarem comportamentos de precipitação (consumir tabaco, álcool ou diferentes drogas, portar armas, brigar, etc.). As probabilidades são maiores em crianças ou adolescentes que adotam costumes anti-sociais antes da puberdade e por extensa temporada.

Em estudos concretizados por Bandeira (2009) que avaliou a existência de alterações na autoestima de adolescentes envolvidos em *bullying* por sexo, constatou que o grupo de agressoras proporciona média mais elevada de autoestima que o grupo de vítimas e de vítimas-agressoras.

O grupo de agressores é bem aceito pelos semelhantes e recebe retorno positivo, fazendo possivelmente que as meninas agressoras se compreendam como competentes adequadas e com grande estima.

Nessa perspectiva Leão (2010, p. 123) explana: A prática do *bullying*, analisada muitas ocasiões pelos pais e professores como brincadeiras de criança, brigas que envolvem xingamentos e insultos, mas que decorrem e, em alguma ocasião são declinadas e até desconhecidas, está além de ser uma conduta natural e benquista em um ambiente escolar.

O bullying ao oposto diferencia-se por ser uma violência que se proporciona de forma dissimulada, acarretando angústia e desgosto à pessoa que está sendo vitimizada [...] A autora ressalta precisamente a caracterização entre as brincadeiras desconhecidas por pais e professores da agressão disfarçada geradora de amargura às vítimas.

Rolim, (2010). Argumenta que nessa caracterização da violência é mencionada a forma dissimulada da demonstração intencional e repetitiva dos atos agressivos. Os causadores de bullying são mais agressivos, mais violentos do que a maior parte e proporcionam menos empatia. Costumam estar envolvidos em delinquência e práticas violentas.

Olweus, (1993); Lisboa & Ebert, (2012). Evidenciam que os agressores são indivíduos manifestos e possuem uma análise de caráter prático a respeito de sua agressividade, desenvolvendo em manejar os outros, sentem prazer e contentamento em reprimir, controlar e acarretar lesão e angústia às pessoas.

Além disso, pode haver um elemento que produza benefício em seu comportamento, como rendimentos sociais e materiais. São menos satisfeitos com a escola e a família, mais predispostos ao absenteísmo e à evasão escolar e têm uma intenção maior para proporcionarem comportamentos de precipitação (consumir tabaco, álcool ou diferentes drogas, portar armas, brigar, etc.).

A prática do bullying analisada muitas ocasiões pelos pais e professores como brincadeiras de criança, brigas que envolvem xingamentos e insultos, mas que decorrem e, em alguma ocasião são declinadas e até desconhecidas, está além de ser uma conduta grupo de agressores é benquista pelos semelhantes e recebe retorno positivo, fazendo possivelmente que as meninas agressoras se compreendam como competentes adequadas e com grande estima.

É inquietante a comprovação de Silva (2010, p. 79), ao assegurar que “[...] a comunidade escolar tende a refletir, em maior ou menor parte, a sociedade como um todo [...] na sociedade escolar deparamos um pequeno mundo.” Para a autora, esse pequeno mundo

pode refletir uma qualidade de regra de inocentes, em que os mais violentos reprimem os mais medrosos de forma arbitrária e impositiva.

É na escola que as crianças e adolescentes podem aprender a conviver em sociedade e espalhar as informações instaladas nesse ambiente para o bem da sociedade. Em compensação, esse pequeno mundo pode configurar-se como um ambiente de fomento da violência interpessoal, caso não exista políticas preventivas envolvendo todos os atores escolares.

Os embaraços atribuídos às vítimas são demonstrados por Bezerra et al. (2012, p. 2), quando garante que o constrangimento “[...] pode ser físico ou moral, poderíamos titular de costumes dentro desse ação os atos de humilhar, violentar, alcunhar, estilhaçar pertences, insultar, ridicularizar, Agressão desconhecer, recusar, xingar, constranger, entre outras formas de intimidação . Tais modos analisadas hostis por parte das autoras importunam a percepção de que violências física e moral acontecem comumente respectivamente no *bullying*. As humilhações transpõem de atos verbais vexatórios a estrago de pertences pessoais da vítima até constrangimentos físicos.

Há que se refletir, também, sobre os porquês de as vítimas sofrerem tamanha violência. Nesse sentido, contribui Beane (2010, p. 85), ao marcar que “[...] a necessidade de aceitação é premente. As crianças invariavelmente buscarão meios de atender a essa necessidade e muitos desses meios são inadequados e destrutivos.” Assim, para se sentirem benquistas ou abrigadas, as vítimas acabam se submetendo aos domínios dos agressores, que podem fazer parte de suas relações sociais diárias.

Os agressores, além disso, podem utilizar a força física e a manipulação emocional para se sentirem aceitos no grupo social. Muitas vezes, os agressores são desprovidos de afeição e precaução familiar e buscam o reconhecimento social por meio da prática indiscriminada do *bullying*. A intenção é de que, mesmo da forma mais violenta e patológica, satisfaçam a essa necessidade.

Assim, conforme Mildelton-Moz (2007, p. 43), os *bullies* “[...] são inesperados: superprotetores, afetuosos, pondo-lhe em base em um momento, e tranquilamente destruindo seu ego no próximo.” Vê-se que a autora distingue os agressores como imprevisíveis, o que pode causar mais angústia e aflição para as vítimas. O fato de os agressores denominados *bullies* serem imprevisíveis causa muito medo e angústia às vítimas, analisando que eles são conhecedores em comportamentos amedrontadores.

No ambiente que compõe a escola, os agressores sempre localizam vítimas mais sutis físicas e/ou psicologicamente.

Musitu et al,(2011).Acreditam que os agressores, precisam também de ajuda já que possivelmente sofrem uma grave deterioração de sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento afetivo e moral, mostrando pouca empatia por suas vítimas, altos níveis de impulsividade, baixa tolerância às frustrações.

De acordo com Ballone e Moura (2008, p. 1), os autores do bullying são geralmente: pessoas antipáticas, arrogantes e incertos. Determinados trabalhos implicam que essas pessoas vêm de famílias pouco estruturadas, desprovido de relacionamento afetivo entre seus membros, são timidamente supervisionados pelos pais e vivem em ambientes onde o padrão para solucionar problemas sugere o uso de comportamento agressivo ou impetuoso.

Há fortes suspeitas de que as crianças ou jovens que praticam o bullying têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais, psicóticos e/ou violentos, tornando-se, inclusive, delinquentes ou criminosos. Normalmente o agressor acha que todos devem atender seus desejos de imediato e demonstra dificuldade de colocar-se no lugar do outro.

De acordo com Martins (2005), esse tipo de conduta, o bullying, embora seja classificado como uma agressão entre pares pode significar uma manifestação de distúrbio do comportamento, pode ser intenso e levar à delinquência. Porém, precisamos ficar precavidos e não nos consentirmos incidir nas armadilhas da caracterização do “tipo” possível de agressor. Reafirmamos que é necessário pensar nas causas deste problema e não buscarmos a priori, os alunos que apresentem perfil proposto do agressor.

Como afirma Cerezo (2009), é imprescindível situar o problema no padrão social onde é suscitado, e não apenas procurar categorizar os sujeitos envolvidos.

As testemunhas não participam diretamente em atos de bullying e geralmente se calam, por receio de tornarem-se as próximas vítimas (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2008, p.201). É importante ainda pensar acerca da importância dos observadores para quem pratica o *bullying*. Sua presença faz com que seja possível mostrar a diferença de poder não somente para a vítima, mas também para os outros colegas, criando-se assim, testemunhas omissas.

Para Ballone e Moura (2008), a testemunha pode permanecer calada por outra razão: possível prazer com o sofrimento da vítima.

A vítima é quem sofre as principais consequências do *bullying*. Estas vão, desde a questão da queda do rendimento pela perda do interesse em aprender (CEREZO, 2009), até consequências ainda mais graves, como insegurança nas relações sociais, introversão social (VITERO, 2013), e a não aceitação de si, muitas vezes decorrente da valorização dos estereótipos e valores impostos pela sociedade de consumo, que se reproduzem na escola.

As vítimas são divididas em dois grupos: as vítimas passivas, geralmente tímidas, sofrem de alguma deterioração na auto-estima, são poucos sociáveis, inseguras, com tendência à depressão (MUSITU et al., 2011), não dispõem de recursos para combater a violência sofrida (MARTÍ- NEZ, 2013) e sofrem impacto em sua própria identidade (PRODÓCIMO et al., 2013); e as vítimas agressoras, que acabam geralmente por reagir de maneira violenta em relação a outros colegas (MUSITU et al., 2011) ou a si mesmas (MARTÍNEZ, 2013).

Para Ballone e Moura (2008, p.1) é aquela pessoa “com algum traço ligeiramente destoante do ‘modelinho’ culturalmente imposto ao grupo etário em questão”. Estudos mostram que a vítima é escolhida pelo autor, ou seja, há subentendido nas ações do agressor algum desejo de destruição, seja por preconceito ou por necessidade de mostrar a sua visão de não aceitação.

Cerezo, (2009) em geral por apresentar-se mais frágil com dificuldade para defender-se. Alunos com baixa auto estima tendem a ser mais vulneráveis a diferentes formas de violência.

Marriel et al., (2006) argumenta que os agressores, precisam também de ajuda já que possivelmente sofre uma grave deterioração de sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento afetivo e moral, mostrando pouca empatia por suas vítimas, altos níveis de impulsividade baixa tolerância às frustrações.

Musitu et al., (2011) enfatiza que há fortes implicações de que as crianças ou adolescentes que praticam o bullying têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais, psicopáticos e/ou violentos, tornando-se, até mesmo,

delinquentes ou criminosos. Normalmente o agressor entende que todos devem atender seus anseios de imediato e evidencia dificuldade de colocar-se no lugar do outro.

Cerezo, (2009), Garcia; Madriaza,(2005). Refletindo sobre as causas do *bullying*, os fatos apontam o preconceito como um dos motivadores dessas agressões, deixando clara a perpetuação dos valores explícitos ou implícitos na sociedade, externalizados principalmente pela sociedade de consumo. Também o desejo de afiliação, de sentir-se membro importante no grupo, pode fazer com que alguns alunos se utilizem de seu status de poder sobre a vítima para sentir-se valorizado e reconhecido pelos colegas.

1.4.2- VÍTIMAS DO BULLYING

Segundo Fante (2005, p. 71-72), as vítimas do bullying são indivíduos selecionados, sem motivo claro, para sofrer ameaças, humilhações e intimidações, geralmente sentem medo de reagir às agressões sofridas devido a sua baixa estima e insegurança, se tornando um indivíduo pouco sociável.

A autora ainda comenta que a vítima típica do bullying sente dificuldades de impor-se ao grupo, tanto físico como verbalmente, por não ter hábitos de agressividades, o sofrimento das vítimas pode ser prolongado com muita dor e angustia. Acreditando serem dignas desses maus tratos, preferem sufocar seus sentimentos, que ter de denunciar os supostos agressores, buscando cada vez mais o isolamento social.

Estudiosos da área do bullying identificam e classificam os tipos de bullying realizados entre as vítimas, como; vítima típica, vítima agressora e vítima provocadora. Analisa-se vítima típica aquele aluno que recebe as agressões de outro não disposto de habilidades físicas e emocionais para reagir. Os acometimentos constantes e as agressões contra as vítimas podem implicar no desenvolvimento desses alunos dentro da sala de aula, aumentando a ansiedade e o julgamento negativo sobre si mesmo.

O silêncio das vítimas se torna um aliado influente dos agressores, auxiliando a aumentar a agressão dentro da comunidade escolar. Muitas ocasiões a vítima não explica a respeito das agressões suportadas por vergonha, por medo de revanche, intimidações, por não esperarem que esteja falando a verdade, receio pelas reações dos familiares, pela inabilidade de defesa.

De acordo Chalita (2008, p.87), a conduta, os hábitos, a modo de vestir, a ausência de capacidades em alguns esportes, a deficiência física ou aparência fora do modelo de beleza atribuído pelo grupo, o sotaque, a gagueira, a raça, a cor podem ser motivo para a escolha de uma vítima. No entanto, é preciso salientar que o fato de algum aluno apresentar essas particularidades não expressa que seja ou venha a ser vítima de bullying, quando a humilhação é inalterável contra a vítima, ela perde a identidade, porque a mesma e os demais a reconhecerão somente através daquela especialidade impresumível que está sendo focada.

Segundo Fante (2005, p. 71-72), as vítimas do bullying são sujeitos escolhidos, sem causa clara, para suportar ameaças, humilhações e intimidações, na maioria das vezes sentem medo de reagir às agressões sofridas devido a sua baixa estima e insegurança, se tornando um indivíduo pouco sociável.

A autora ainda explana que a vítima típica do bullying sente dificuldades de impor-se ao grupo, tanto físico como verbalmente, por não ter costumes de agressividades, o desgosto das vítimas pode ser prolongado com muita dor e angustia. Esperando serem dignas desses maus tratos, preferem reprimir seus sentimentos, que ter de apontar os supostos agressores, procurando cada vez mais o retraimento social.

Para Fante (2005), a vítima agressora é aquela que é agredida e transfere todo o sua angústia para outra pessoa reproduzindo as agressões sofridas em uma condição de violência mais discreta, com a mesma amplitude de agressividade estas vítimas agressoras posteriormente podem tornar-se agressores de companheiros considerados mais covardes e indefesos, em casos extraordinários são aqueles que se abastecem de armas e explosivos e vão até a escola a procura de integridade, massacram e golpeiam o maior número presumível de pessoas e dão fim a própria existência.

A vítima provocadora de acordo Fante (2005), possui um gênio maldoso, provoca briga ou rebate quando é atacada ou ofendida, mas comumente de maneira inconveniente, pode ser imprescindível, apreensiva, e ofensora, é de modo geral tola, imatura, de atitudes irritantes e quase sempre é responsável por ocasionar conflitos no ambiente em que se encontra.

A vítima de *bullying* é perturbada pelo anseio de fama, aceitação e status de domínio no grupo social. Para isso, domina aquele que escolheu como “bode expiatório” à circunstância de humildade, ao sarcasmo manifesto na escola ou na internet, ao

psicoterrorismo. Mortifica, violenta, calunia, amedronta, persegue, intimida. Quanto mais angustia a vida do outro, mais desenvolve a sua popularidade. Torna-se temido e muitas vezes estimado entre os colegas de escola e/ou fora dela (FANTE, 2005).

Olweus, (1993) *cit in* Powell & Ladd, (2010). Consideram vítimas do bullying o dependente exposto, de forma repetida e durante determinado momento, as ações impresumíveis incumbidos por um ou mais educando (as). Compreendem-se por ações negativas os fatos em que alguma pessoa, de forma proposital e repetida, causa lesão, fere ou aborrece outra.

Cerezo, (2009), narra que a vítima é quem sofre as principais consequências do *bullying*. Estas vão, desde a questão da queda do rendimento pela perda do interesse em aprender até consequências ainda mais graves, como insegurança nas relações sociais, introversão social.

Vitero, (2013), refere-se que a não aceitação de si, muitas vezes decorrente da valorização dos estereótipos e valores impostos pela sociedade de consumo, que se reproduzem na escola.

Houbre et al. (2006) *cit in* Cassidy,(2009) Ressalva que em geral a depressão e angústia têm sido consistentemente comprovadas em vítimas de *bullying* e a vitimização tem sido associada ao suicídio num certo número de acontecimentos. Nos fatos mais graves as vítimas se deparam com sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático e mais frequentemente demonstram desprezíveis níveis de autoestima o que faz com que sintam-se estúpidas, envergonhadas e pouco encantadoras.

Cerezo, (2009), ressalta que a vítima é quem sofre as principais consequências do *bullying*. Estas vão, desde a questão da queda do rendimento pela perda do interesse em aprender até consequências ainda mais graves, como insegurança nas relações sociais, introversão social e a não aceitação de si, muitas vezes decorrente da valorização dos estereótipos e valores impostos pela sociedade de consumo, que se reproduzem na escola.

Para Ballone e Moura (2008, p.1) a vítima é aquela pessoa “com certo traço ligeiramente desarmónico culturalmente imposto ao grupo etário em ação”. Estudos mostram que a vítima é escolhida pelo autor, ou seja, há implicação nas ações do agressor algum anseio de destruição, seja por preconceito ou por imposição do grupo essas vítimas tornam-se,

com o transcorrer do tempo e dependendo da amplitude das agressões, pessoas melancólicas, descontentes, e apresentam medo e vergonha.

1.4.3 TESTEMUNHAS DO BULLYING

Lopes Neto (2005) enfatiza que a maioria dos alunos não se envolve espontaneamente em ação de bullying e geralmente se silencia por receio de ser a próxima vítima, por não saberem como agir e por descrerem nas atitudes da escola.

De acordo, Nunes, (2008), Raimundo e Seixas, (2009), A maioria dos casos de bullying acontece no período do recreio onde as crianças encontram naqueles poucos minutos, espaço para vivenciar certa experiência de liberdade, o que faz com que a aptidão para casos de bullying se torne maior. O recreio, que para muitos significa um espaço para sossegar, brincar e socializar, para outros pode expressar um momento de aflição. Para os agressores, um momento para impacientar o medo de uns e a admiração de outros. Para as vítimas, alguns minutos de ansiedade que podem marcar toda uma existência.

Analisando a influência que as testemunhas exercem na dinâmica grupal do bullying e o seu desempenho potencialmente de atitude experiente no estilo como episódio se desenvolve e finaliza, a averiguação mais recente sobre o bullying vem estimar o enfoco nestes personagens (e. g. Hazler, Janson, Carney & Oh, 2009; Salmivalli, Peets & Hodges, 2010; Thornberg et al. 2012).

Paull, Omari & Standen, (2012). Em todo o fato, a conduta das testemunhas em situação e, a importância de variáveis de contexto e do regulamento pessoal a ele virtualmente associadas, têm reconhecidamente merecido menos precaução do que o remanescente membro da ação.

Raimundo & Seixas, (2009); enfatizam que o comprometimento deve-se distinguir melhor as personagens, de maneira a adaptar evidências fundamentadas no conhecimento de acolher o incremento de influências educativas mais e eficazes. Os estudantes agredidos parecem buscar consolo e auxílio junto dos amigos e dos espectadores, a fazê-lo junto dos professores ou da família por outro, as testemunhas, não hostil incidem em adversos ao *bullying*, tendem a comportar-se de maneira mais apropriado à sua permanência do que ao seu afastamento na escola.

As testemunhas do bullying representam a maioria dos alunos da escola. Eles não sofrem e nem praticam o bullying as suas consequências por presenciarem constantemente as situações de sofrimento vivenciadas pelas vítimas.

De acordo Pedra (2008, p. 61), muitas das testemunhas repudiam as ações dos agressores, mas nada fazem para impedir. Entretanto alguns usam estratégias para defender e não serem a próxima vítima, através de risadas, permitindo as agressões, ou fingem se divertir com o sofrimento das vítimas.

Menesini *et al.*, (1997) as testemunhas de *bullying* não se envolvem espontaneamente nas agressões com seus pares, muitas vezes, simpatizam com os colegas vitimizados e condenam o comportamento das crianças e dos adolescentes que agredem. No entanto, essas crianças ou adolescentes apresentam medo de se tornarem alvos das agressões e, por esse motivo, não interferem e esperam que um professor ou algum pai faça isso. Muitos desses adolescentes, ao verem os comportamentos agressivos de seus colegas, começam a imitá-los, para receber fama e poder, mas, com isso, acabam por se tornar praticantes de *bullying*, ou agressores, mediante a aprendizagem.

Bandura, 1986; Fekkes *et al.*, (2005). Evidenciam que, na maioria das vezes em que uma testemunha de *bullying* tenta interferir e interromper com as agressões ao seu colega (vítima) alcança êxito. Deste modo, é de extrema importância o estímulo dos professores e outros profissionais para que mais testemunhas denunciem e tenham procedimentos de proteção para com as vítimas e contra o *bullying*.

Neto, (2005). Adiciona que é importante a crescente intervenção das crianças no sentido de impedir o *bullying*, pois esse ato permite aos autores de comportamentos agressivos sentirem a ausência de apoio para a continuidade dessa atitude.

1.5 - CAUSAS, DO BULLYING

Como foi exposto o *bullying* pode se revelar de maneira direta e indireta. Mas as vítimas não recebem apenas um tipo de maus-tratos, geralmente estes atos vêm em grupos. Isso colabora para a exclusão social da vítima, evasão escolar, dentre outros.

Atitudes maldosas como essas podem ser expressas de diversas formas orais, morais, físicas, materiais e sexuais, tais como insultar, falar mal, ofender, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, irritar, humilhar, excluir, ignorar, ameaçar, aterrorizar, chantagear, intimidar, dominar, perseguir, fazer intrigas e fofocas (mais comum entre

meninas), bater, ferir, roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima, atirar objetos contra elas, insinuar, assediar, abusar, violentar.

Além de existir um desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, esta última já apresenta uma baixa autoestima, o que agrava o problema preexistente, pode gerar graves transtornos comportamentais e/ou mentais, que trazem prejuízos irreversíveis a curto e/ou em longo prazo. Quando adultos também experimentam intensas aflições, uma vez que tiveram uma vida estudantil traumática.

Podemos esclarecer os problemas mais comuns, através do que diz Silva (2010, p. 28): [...] Sintomas psicossomáticos os pacientes tendem a apresentar diversos sintomas físicos, entre os quais podemos destacar: cefaleia (dor de cabeça), cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas (enjoo). [...] Fobia escolar Caracteriza-se pelo medo de frequentar a escola, ocasionando repetências por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar.

Quem padece de fobia escolar passa a apresentar diversos sintomas psicossomáticos e todas as reações do transtorno do pânico, dentro da própria escola; ou seja, a pessoa não consegue permanecer no ambiente onde as lembranças são traumatizantes.

Muitas podem ser as causas da fobia escolar: problemas emocionais no ambiente doméstico; angústia de separação quando a criança se vê afastada dos pais e teme pelo novo ambiente que terá que encarar; problemas físicos e psíquicos e a prática de bullying.[...] Fobia social Quem apresenta fobia social, também conhecida por timidez patológica, sofre de ansiedade demasiada e constante com temor exacerbado de se sentir o núcleo das atenções ou de estar sendo julgado e avaliado negativamente.

Assim, com o decorrer do tempo, tal indivíduo passa a evitar qualquer evento social, ou procura esquivar-se deles, o que traz sérios prejuízos em suas vidas acadêmica, profissional, social e afetiva. [...] A depressão não é apenas uma percepção de tristeza, de timidez ou de “baixo astral”. É muito mais do que isso: trata-se de uma indisposição que afeta o humor, os pensamentos, a saúde e o desempenho.

Os sintomas mais peculiares de um quadro depressivo são: amargura constante, ansiedade ou impressão de vazio; anseios de culpa, inutilidade e abandono; insônia ou demasia de sono; perda ou acréscimo de apetite; cansaço e desânimo; sensibilidade e agitação; dificuldade de concentração e de aceitar determinações; sentimentos de

desânimo e pessimismo; perda de interesses por atividades que antes despertava distração; ideias ou tentativas de suicídio.

Silva (2009). Salaria que o fato de o bullying causar danos a aspectos psicológicos, psicossomáticos, fobia escolar e social, ansiedade, depressão, entre outros, indica o quanto esse tipo de violência escolar pode ser danoso para um ambiente onde o estímulo à convivência e diálogo são pressupostos indispensáveis.

Estes problemas expostos podem ser genéticos, passados de pais para filhos, mas as fragilidades de cada uma adicionada às qualidades externas e casos humilhantes podem deflagrar perturbação graves que estavam adormecidos.

Dan Olweus (2010)I, pesquisador da Universidade de Berger, Noruega, iniciou então nessa época um estudo com milhares de estudantes, quase quatrocentos professores e cerca de mil pais de alunos. O que Olweus queria, era avaliar as taxas de ocorrência e as formas pelas quais o bullying atingia a vida escolar das crianças e dos adolescentes da Noruega.

Os resultados da pesquisa de Olweus (2010) evidenciaram que um em cada sete estudantes estava envolvido em caso de bullying. Em 1993, Olweus publicou o livro *Bullying at School*, que apresenta e discute o problema, os resultados de sua pesquisa, projetos de intervenção e uma relação de sinais e sintomas que ajudam a identificar, não só as vítimas, mas também os agressores.

O resultado das pesquisas de Olweus repercutiu em vários países, que a partir daí, atentaram para esse fenômeno, que toma cada vez mais aspectos preocupantes quanto ao seu crescimento. Pesquisas relatam, que de 5% a 35% das crianças em idade escolar estejam envolvidas em condutas agressivas no ambiente escolar.

Dan Olweus (SILVA, 2010), ao analisar o tema polêmico chamado bullying, orienta que pais e professores devem estar atentos ao comportamento das crianças e dos adolescentes, considerando os possíveis papéis que cada um pode realizar em uma situação de bullying. Identificando os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores, é que a escola e as famílias dos envolvidos podem organizar estratégias e esquematizar ações essenciais contra essa prática.

Para Fante (2005), o bullying ocorre em todas as escolas do mundo, com maior ou menor caso e independentemente das características culturais, económicas e sociais do aluno, por isso a grande inquietação dos pesquisadores em buscar soluções para o problema, que existe em escala mundial.

Tais exemplos reforçam a ideia de que o *bullying* está presente no nosso dia-a-dia e a angústia pode proceder em implicações inevitáveis. Como uma forma de distinguir melhor as agressões nestes argumentos, foram nomeadas designações peculiares para estes comportamentos em alguns segmentos, dentre elas: *Cyberbullying*:

Com a facilidade da comunicação pela internet, apareceu uma nova consideração para o *bullying*. Este é um caso inquietante, pois desenvolve como um surto pelo mundo virtual. Estes atos se tornam ainda mais sinistros por permitir o anonimato e por ser uma ferramenta atuante para apavorar outros alunos.

Os agressores se dissimulam através de identificações falsas, o que acaba facilitando apreender as vítimas repetida vezes. Fofocas, intrigas, difamações, fotos, textos e vídeos são divulgados em questão de segundos, abordando um elevado número de indivíduos. Desta forma, o *cyberbullying* atormenta, ataca e expõe suas vítimas em qualquer lugar. Silva (2010, p. 147) destaca que “[...] todas essas atitudes visam, de forma intencional, desqualificar e desrespeitar as reais competências do trabalhador”.

Segundo ÁVILA, (2013). Em consequência da ausência de políticas públicas capazes de combater com a violência no âmbito escolar de forma preventiva, dá - se um segundo fato: o da judicialização dos conflitos incididos dentro da escola. Tal fato acarreta consigo um alarme acerca da fragilidade da instituição educacional em dar sustentáculo para que os conflitos internos à escola sejam discutidos em seu ambiente de origem, sendo necessária a interferência do poder judiciário para a resolução dos mesmos.

Silva e Salles (2010) enfatizam que as violências mais comuns no âmbito escolar são verbais e físicas. Nas escolas os professores alertam sobre a presença de chantagens como o desrespeito e adicionam que a violência amplia tanto no aspecto quantitativo quanto no qualitativo, e que os tipos de violência acima citados ocorrem com frequência no dia-a-dia escolar.

Marshall, (1998). Proferindo o acontecimento das violências escolares, a judicialização dos mesmos como válvula de escape e estratégias de enfrentamento plausíveis, é

importante enfatizar a contribuição das práticas restaurativas como uma forma de decisão não violenta (AGUINSKY et al., 2013), diferenciando como uma forma participativa em que todas as pessoas afetadas por algum tipo de violência, agrupam-se para lidar com as consequências do fato e sugerir alternativas de superação com uma visão de futuro e co-responsabilidade.

A não superação dos traumas, de acordo com FANTE (2005): Gera sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar (...), (...) pode-se transformar em um adulto com dificuldade de relacionamentos e com outros graves problemas.

A consequência nos agressores se dá pelo distanciamento e a falta de interesse ao conteúdo ensinado, projetando na violência uma forma de popularidade e demonstração de poder, em alguns casos essa violência habilita o agressor para futuras condutas violentas na vida adulta.

Os principais problemas que uma vítima de bullying pode enfrentar na escola e ao longo da vida, de acordo com SILVA, (2010, p.9): são as consequências mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de vivências, de predisposição genética, da forma e da amplitude das agressões. No entanto, todas as vítimas, sem exceção, sofrem com os acometimentos de bullying provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema.

Melo (2010, p. 42) Destaca que os problemas mais comuns são: desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos; problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros. O bullying também pode agravar problemas preexistentes, devido ao tempo prolongado de estresse a que a vítima é submetida. Em casos mais graves, podem-se observar quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio.

1.6-CONSEQUENCIAS DO BULLYING

O bullying escolar pode trazer diversas consequências para os envolvidos, alguns destes podem apresentar déficit de aprendizagem, saúde comprometida uma vez que as vítimas podem desenvolver sintomas psicossomáticos, como estresse, insônia, pesadelos, elas podem também não querer ir mais à escola, nestas podem surgir algumas doenças como

bulimia, anorexia, desejos de vingança e até pensamentos suicidas, entre outros. Para os *bullies* praticantes de bullying, tem como consequências também o déficit na aprendizagem, alguns podem mais tarde com esse comportamento adquirir o desprezo, o desrespeito dos amigos e outros indivíduos que estão ao seu redor.

FANTE (2005) enfatiza que as consequências para as vítimas do bullying são graves e abrangentes, ocasionando a falta de empenho pela escola, onde o aluno encontra dificuldades de aprendizagem, rendimento escolar abaixo da média, e até mesmo a evasão escolar. Emocionalmente, este aluno vítima do bullying apresenta ainda baixa resistência imunológica, baixa auto-estima, os sintomas psicossomáticos, transtornos psicológicos, a depressão e até mesmo o suicídio.

De acordo a autora, os agressores também sofrem as consequências, apresentando mais a justiça e atitudes delinquentes no ambiente social. Este padrão agressivo explanado na vida escolar tende a se repetir na faculdade, no trabalho e na vida adulta em geral, em consequência disso os filhos também podem desenvolver os maus comportamentos dos pais.

A consequência nos agressores se dá pelo distanciamento e a falta de interesse ao conteúdo ensinado, projetando na violência uma forma de popularidade e demonstração de poder, em alguns casos essa violência habilita o agressor para futuras condutas violentas na vida adulta.

A não superação dos traumas, de acordo com Fante causa sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa autoestima, dificuldades chances de usar bebidas alcoólicas e drogas em demasia, maiores envolvimento com o crime, problemas como de aprendizagem, queda do rendimento escolar (...). Para os espectadores, que são a maior parte dos alunos, estes podem sentir incerteza, amargura, receio e estresse, comprometendo o seu processo socioeducacional.

As consequências geradas pelo bullying nos envolvidos, segundo Melo (2010) são determinadas experiências menos traumatizantes, outras deixam marcas para a vida inteira, sobretudo nas vítimas. Nos agressores as consequências podem vitimizá-las no futuro, de acordo com o rumo que sua vida tomar. Alguns agressores adotam a violência como modo de vida, atingindo à marginalização. Muitos espectadores não superam os receios de insinuação e aflição e se tornam pessoas inseguras e de baixa autoestima.

As principais consequências que uma vítima de bullying pode encarar na escola e ao longo da vida, de acordo com SILVA, (2010, p.9), são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada pessoa, da sua estrutura, de experiências, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, todas as vítimas, sofrem com os ataques de bullying (em maior ou menor proporção). Muitas levarão sinais profundos provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema. Os mais comuns são: desapego pela escola; problemas psicossomáticos; problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros. O bullying também pode afrontar problemas preexistentes, devido ao tempo prolongado de estresse a que a vítima é submetida.

Para mais SIDNEYA, 2009 afetam a todos, mas a vítima, [...] é molestada pois, poderá sofrer as decorrências do seu desgosto silencioso por boa parte de sua vida amplia ou reforça costume de incerteza e dificuldade de se relacionar com as pessoas, tornando-se um indivíduo insensível, retraído, desarmado aos acometimentos externos. Muitas vezes, mesmo na vida adulta, é centro de zombarias entre colegas de classe ou familiares. Apresenta um autoconceito de menos valor e considera-se inútil, descartável. Pode desencadear um quadro de neuroses, como a fobia social e, em fatos mais graves, psicoses que, a depender da intensidade dos maus-tratos sofridos, tendem à depressão, ao suicídio e ao homicídio seguido ou não de suicídio. Em afinidade ao agressor, reflete em suas futuras relações, o padrão que consecutivamente lhe trouxe “resultados”: o do mando-obediência pela força e agressão. É discreto à afetividade e tende à delinquência e à criminalidade. Isso, de certo modo, afeta toda a sociedade. Seja como agressor, como vítima, ou até espectador, estas ações apontam, cicatrizes insignificantes em curto prazo. Dependendo do grau e intensidade da experiência, causam frustrações e comportamentos desajustados.

1.7-O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR E FAMILIAR

De acordo Chalita (2008), a escola deve ser um ambiente afável em que as relações de afeto estejam estabelecidas como um exercício para a vida. A Ética, o respeito, o cuidado com o outro, depositados na escola terão o poder de exercer a cidadania em outros ambientes.

Nesse sentido, compete à instituição escolar, a responsabilidade na precaução e prudência constante de seus alunos para que o bullying não aconteça, é necessário que

Identifique o problema e adote medidas pedagógicas em relação aos alunos agressores e participantes desse ato, para reduzir tal prática.

Caso contrário, a instituição de ensino deverá ser responsável juntamente com os pais, pela reparação dos danos sofridos pelas vítimas, de acordo com os preceitos normativos contidos no parágrafo terceiro, inciso segundo, do artigo 14, do Código de Defesa do Consumidor XIII

Silva (2009), caracteriza o bullying como um comportamento violento na escola, de variadas formas, realizado intencionalmente pelos agressores. As atitudes do agressor visam maltratar os mais fracos para estabelecer poder e obter prazer.

Ainda de acordo Silva (2009), o modelo educacional carente de uma educação em valores, a permissividade, falta de limites e a violência familiar pode ser compreendida como causas para o fenômeno bullying. Entre as décadas de 1950 a 1970 propagou-se a ideia de uma educação em que se colocam como prioridades as necessidades da criança e atitude permissiva dos pais para não interferir na sensibilidade dos filhos, em resposta a toda rigidez e autoritarismo dos tempos passados.

É preocupante a comprovação de Silva (2010, p. 79), ao assegurar que “[...] a comunidade escolar tende a refletir, em maior ou menor parte, a sociedade como um todo [...] na sociedade escolar deparamos um micro mundo.”, este micro mundo pode refletir uma qualidade de inocentes, em que os mais violentos reprimem os mais medrosos de forma arbitrária e impositiva. É na escola que crianças e adolescentes podem aprender a conviver em sociedade e espalhar as informações instaladas nesse ambiente para o bem da sociedade. Em compensação, esse micro mundo pode configurar-se como um ambiente de fomento da violência interpessoal, caso não exista políticas preventivas envolvendo todos os atores escolares.

Lisboa & Ebert (2012), argumentam que a escola junto com a família, é uma das instituições sociais mais admiráveis, pois exerce a mediação entre a pessoa e a sociedade. É na escola que as crianças e jovens se inserem socialmente e aumentam auto-estima, semelhanças e informação a partir de trocas afetuosas e padrões de conduta. Atualmente, alguns fatores de ousadia, presentes no contexto escolar, podem prevenir a ampliação e as influências recíprocas s nesse ambiente. Tais fatores marcam a violência escolar como um acontecimento crescente ocasionando dificuldades sociais de dimensões espantosas.

Ainda de acordo, Lisboa & Ebert (2012), os mesmos enfatizam que a agressão também é concebida como a arte da agressividade com conclusão destrutiva. A agressividade, por sua vez, é considerada como um componente apropriado nos seres humanos e animais e que está unido aos acometimentos de sobrevivência.

Sabemos que a agressividade, nesse sentido, faz parte da natureza afetiva do ser humano e de seu desenvolvimento social e pode se ratificar como agressão se for reforçado pelas advertências ambientais. Apreender essa caracterização pode auxiliar a inclusão sobre as causas do crescimento da violência interna e externa nas instituições escolares.

Deste modo, segundo Lisboa & Ebert, (2012). A agressão social está anexa a fatores não personificados, como a diversidade socioeconômica da situação brasileira. No entanto, cada vez mais está sendo desconstruído o sinal de que quanto maior o índice de pobreza, mais acontecimentos de agressão, pois o acometimento não é restrito simplesmente a países mais desprovidos economicamente.

Além disso, Lisboa & Ebert, (2012) ressaltam que a agressão física é a que mais chama cuidado porque é explícita, e de implicações imediatas e graves. A agressão psicológica, que envolve o ambiente familiar, e o local de trabalho, é conhecida como a influência impresumível de determinadas pessoas sobre a capacidade de outras, com abuso de poder disciplinador, coercitivo, o tratamento abusivo das inclusões interpessoais, a restrição de determinadas pessoas diante de seus semelhantes, a violação dos direitos humanos e o indeferimento da vida, segurança e liberdade.

Segundo, Baron, 1977 *cit in* Lisboa & Ebert (2012). A agressão é determinada como qualquer ato de um sujeito ou grupo cujo fenecimento é ferir ou ofender os outros. Para se definir um ato como impetuoso é indispensável que esteja presente a intenção de machucar ou insultar alguém utilizando força física ou psíquica, ser intencional ou ir contra a pretensão de quem é abordado.

Olweus & Limber, (2010) enfatizam que o *bullying* é apresentado como um comportamento agressivo propositado que acontece frequentemente em um relacionamento interpessoal qualificado por um desequilíbrio autêntico ou apreendido que invade o poder e a força.

Fante (2011) acrescenta que o bullying é um comportamento cruel. O pressuposto da brincadeira esconde, na verdade, o intuito de maltratar ou segundo Cubas (2006) o bullying é um fenómeno antigo que só recentemente ganhou atenção visando a análise de suas causas e consequências.

Segundo, Fante, (2011). O espaço escolar por si só, dada sua complexidade e diversidade de sujeitos, possui diversos tipos de conflitos. A escola é o espaço onde as diferenças podem ser motivação para gerar conflitos, se considerada a não aceitação do outro como sujeito e a falta de respeito pela diversidade. Entre alunos é comum a existência de conflitos ou de algumas interações pautadas pela agressividade. Se na sala de aula um aluno apresentar características como ansiedade, timidez ou indefesa física, por exemplo, logo será uma vítima em potencial do agressor.

Deste modo, a agressão social está anexa a fatores não personificados, como a diversidade socioeconómica da situação brasileira. No entanto, cada vez mais está sendo desconstruído o sinal de que quanto maior o índice de pobreza, mais acontecimentos de agressão, pois o acometimento não é restrito simplesmente a regiões mais desprovidas economicamente (Lisboa & Ebert, 2012). A agressão física é a que mais chama precaução porque é explícita, e de implicações imediatas e graves.

FANTE, (2011). Ressalta que desde a negação da violência dentro da escola por parte de gestores e afirmações por parte dos educadores da naturalidade das relações de submissão, pelo pressuposto de que a experiência conflituosa pode ajudar a enfrentar futuros desafios, verifica-se a deficiência das políticas educacionais e da formação dos professores para o enfrentamento dos conflitos. É no cenário escolar que a criança organiza grande parte das relações com o outro, onde ela amplia as emoções, opiniões, crenças, ânimo, De onde ela é convidada a conviver com a diversidade.

Sabemos que a escola é o lugar onde se privilegiam conhecimento, onde o aluno estabelece relações entre os conteúdos e as experiências habituais. Um lugar onde histórias são instituídas em um processo sociocultural, histórias ou se tornam significativas à medida que as relações interpessoais são vivenciadas. É este ambiente que proporciona caminhos para a informação, a diversidade e a construção do saber.

Por esse motivo para Noletto (2003, *apud* Miranda, 2011, p. 15), “a educação da ligação que unem as pessoas torna-se parte essencial para a construção de uma nova solidariedade, para a qual é indispensável que as pessoas [...] se preparem para o

diálogo das diversidades [...]”. A escola é um dos ambientes onde se torna mais comum as práticas de *bullying* uma vez que muitas crianças se encontram em um mesmo ambiente, o que causa certa dificuldade para que os adultos possam monitorar todos os comportamentos e interferir antes que exista violência.

Em um ambiente tão heterogêneo, se faz imprescindível um bom convívio, respeitando as diferenças de cada um, sejam elas físicas ou sociais. Mas, infelizmente, a escola ainda não está preparada para lidar com a diversidade, isto devido à falta de qualificação dos profissionais acrescentada ao preconceito ainda existente, mesmo sendo excluído, porém, é dever de todas as instituições de ensino educar para a ascensão da paz e do respeito recíproco.

Esse conceito de combate a violência dentro da escola, é tão amplo que se faz indispensável mudar uma sociedade inteira, porque os agressores, praticantes do *bullying*, um dia crescem e se tornam adultos delituosos, cometendo violência nas diferentes campos da sociedade. Isto provoca um grande declínio no desenvolvimento, pois um problema que deveria ser combatido na infância é combatido na etapa adulta por regulamentos rigorosos, e, também, estas pessoas vão ter filhos, que, por conseguinte serão testemunhas da violência e reproduzirão as mesmas ações dos pais, levando-se em apreço que a criança se reflete no adulto.

Silva, (2010, p. 82). Enfatiza que não existe sucesso ou qualquer outra realização material ou profissional que destrua o desgosto vivenciado por uma criança ou um adolescente afetado pela violência do bullying. Todos carregam consigo a impressão dessa triste experiência, e a marca tende a ser mais intensa quanto mais cedo ela ocorre (infância) e por quanto mais tempo ela persiste.

Uma das atitudes principais que a família, que está mais perto da criança, ou os professores devem tomar é atentar-se que o fenômeno existe e identificá-lo, pois conforme nos diz a LDB (Art.2º- Lei nº9. 394 de 1996), “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A compreensão sobre a responsabilidade de todos a favor da efetivação dos direitos básicos da criança e do adolescente é de responsabilidade da família e da escola, mas ela ultrapassa estes espaços e se espalha para a sociedade, assim cada cidadão tem participação na efetivação destes direitos.

Sendo assim, a escola deve trabalhar com medidas preventivas, para que atos de violência não sejam concretizados e que não haja a transgressão destes direitos.

Escola e a sociedade precisam caminhar juntas, mas de forma que a escola não tenha que dar aquilo que a criança deve ter em casa, que é a base e o carinho da família.

Lima, (2013, p.67). Ressalta que, os alunos também se beneficiam de uma percepção de comunidade designado pela relação entre seus pais e o professor. Essa implicação auxílio a juntar aspectos expressivos da vida dos alunos, dando- lhes um momento para pensar a respeito da importância dos cuidados que recebe de seus pais, o que modifica o momento educacional em um empenho em família, no qual todos estão interessados e envolvidos no aprendizado.

Com isso, os alunos conseguem um desenvolvimento de junção que lhes admitem descobrir os outros como pessoas, apesar dos empecilhos étnicos ou de categoria social, uma prática que também restringe a indiferença cultural.

Ainda de acordo Lima, (2013). É normal que as crianças impliquem, coloquem apelidos, briguem e façam intrigas de vez em quando, por isso, nem sempre é fácil identificar o problema, que é considerado *bullying*, a agressão intencional, com ocorrência de no mínimo três vezes e quando há um desequilíbrio de poder. Sendo assim, é fundamental prestar atenção para perceber quando brincadeiras sadias, ocorridas naturalmente, se transformam em atos de violência.

Um olhar observador dos professores e dos demais funcionários contribuirá para a percepção dos sinais de violência. Quando identificados, é preciso procurar acolher as vítimas e fazer com que os espectadores ajudem a reconhecer os agressores, fazendo com que estes se neutralizem.

Leandro, (2013, p.58). Adverte que é grande o número de professores envolvido nos atos de violência e na maior parte das vezes as vítimas são as mulheres. “Muitos são perseguidos, humilhados, assediados sexualmente; moralmente ameaçados, não com agressões físicas, mas com avisos apavorantes em relação a seus pertences. Para os alunos são apenas brincadeiras inofensivas que não prejudicam nenhuma pessoa.

Ainda de acordo Leandro, (2013), Atitudes assim acabam causando um grande constrangimento aos profissionais acarretando autoestima baixa e ainda prejudicando o

desempenho de suas funções cotidianas. Com o passar do tempo aparecerão sinais evidentes de stress, podendo atrapalhar as relações com os alunos, os colegas de trabalho e a família.

Alguns professores, além de serem vítimas, poderão ao mesmo tempo ser os agressores, uma vez que, em meio a atos de violência entre os alunos, não encontram equilíbrio emocional para apresentar uma resposta eficaz à situação e acabam reagindo com agressividade. Esta atitude é uma forma de impor a sua autoridade na tentativa de conseguir domínio e poder perante dos alunos.

Os atos de *bullying* desenvolvem nas instituições de ensino e a condição se agrava ainda mais devido à incidência de manifestações em todos os níveis da vida estudantil, tornando um grande desafio para pais e professores, pois essas práticas ocasionam problemas de aprendizagem e traumas que podem persistir por toda a vida.

Oliveira (2010) Assegura que as escolas podem encontrar recursos para intervir nos casos de *bullying*, e que as mesmas não se sentem preparadas por falta de recursos humanos e disponibilidade mental para se dedicarem a esses assuntos, por falta de conhecimento das características do fenómeno e como ele se manifesta.

Dentro de uma sala de aula, é quase impossível manter um ambiente sem agitação, mas quando o professor trabalha diariamente o respeito na sua prática diária, mostrando as diferenças entre as pessoas e as diversas culturas e sua manifestação contribui para um convívio mais justo e humano.

Desta forma, percebe-se que é primordial sensibilizar e envolver toda a comunidade escolar no combate pela diminuição do comportamento *bullying*. Maneiras simples da direção escolar podem ser eficazes para a prevenção do fenómeno. Muitas escolas do Brasil vêm adotando estratégias simples como nos primeiros dias de aula esclarecer para os alunos que não permitirão o uso de apelidos, sendo assim, todos deverão ser chamados pelo primeiro nome, o que impedirá que uma simples brincadeira acabe se transformando em um enorme sofrimento para a vítima ou se torne algo mais grave levando a casos extremos como até mesmo o suicídio.

Aratagy, (2010, p. 112), argumenta que não se pode acreditar que os dramas só acontecem com os outros, todos nós somos atores neste cenário, em que notícias incômodas nos deixam vulneráveis e expostos e “para encarar essas ações existenciais

que passam pela difusão de conhecimentos, mas não se resumem a isso, o professor precisa de um arsenal mais completo, que demanda a busca pela informação e formação continuadas.

Não haverá mudanças em um passe de mágica em que a sala de aula se modifica imediatamente em um ambiente sem *bullying*, é preciso que professores e alunos mantenham o diálogo entre si ressaltando o comportamento humano que é desejável e necessário. Esta não é uma tarefa simples, mas se houver a cooperação de toda a comunidade escolar, os problemas podem ser abatidos, transformando a escola em um ambiente proveitoso e protegido, onde todos os envolvidos possam ampliar suas capacidades de modo pleno, aprendendo valores essenciais para a vida em sociedade e o exercício da cidadania com responsabilidade e consciência do que faz.

A consequência nos agressores se dá pelo o distanciamento e a falta de interesse ao conteúdo ensinado, projetando na violência uma forma de popularidade e demonstração de poder, em alguns casos essa violência habilita o agressor para futuras condutas violentas na vida adulta. Para os espectadores, que são a maioria dos alunos, estes podem sentir insegurança, ansiedade, medo e estresse, comprometendo o seu processo socioeducacional.

Segundo Melo (2010): As consequências acarretadas pelo bullying nos envolvidos são algumas experiências menos traumatizantes, outras deixam sinais para o resto da vida, principalmente nas vítimas. Nos agressores as consequências podem vitimizá-las no futuro, de acordo com a orientação que sua vida tomar. Alguns agressores adotam a violência como atitude de vida, chegando à marginalização. Muitos espectadores não superam os medos de envolvimento, a aflição de não poder auxiliar e se tornam pessoas inseguras e de baixa autoestima.

Silva e Salles (2010) enfatizam que as violências mais comuns no âmbito escolar são verbais e físicas. Nas escolas os professores alertam sobre a presença de chantagens como o desrespeito e adicionam que a violência amplia tanto no aspecto quantitativo quanto no qualitativo, e que os tipos de violência acima citados ocorrem com frequência no dia-a-dia escolar.

Perante disso, pode-se assegurar que o papel do professor é fundamental no combate e repressão ao *bullying* em virtude de sua grande influência no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Chalita (2008), o professor é o grande administrador do processo educacional, “A aparição de qualquer instituição”, por mais que se designe na equipagem das escolas. Dada essa grande autoridade ao professor, no que se menciona a conflitos no âmbito escolar em particular na sala de aula, sua importância fica mais presente, sobretudo se o conflito envolver seus alunos e seu desempenho escolar.

Fante (2008) destaca, que ensinar é muito mais que conduzir conhecimentos e que os professores precisam se conscientizar e reformular sua atitude de trabalho, pois muitos negligenciam de refletir sobre a aula que vão ministrar, possuindo atitudes imperiosas que quase sempre levam ao preconceito perante do aluno, e que as consequências dessas ações reprimem o educando e disseminam nele sentimentos de conformismo, passividade e desmotivação.

Ferreira-Santos e Almeida (2011). Reforça que essas atitudes educacionais sugerem ser incoerentes à momento em que vivemos, na qual a realidade que cerca o aluno é tecnológica, dinâmica e heterogênea.

Silva, (2009). Argumenta que o padrão educacional desprovido de uma educação em importância, a permissividade, carência de limites e a violência familiar podem ser compreendidos como causas para o fenômeno bullying. Entre as décadas de 1950 a 1970 difundiu-se a ideia de uma educação em que se colocam como prioridades as necessidades da criança e atitude permissiva dos pais para não intervir na sensibilidade dos filhos, em resposta a toda severidade e autoritarismo dos tempos passados.

A autora enfatiza que essa inversão radical pela quebra de uma ordem social que privilegiava excessivamente a disciplina a todo valor, própria da modernidade já superada pelas relações vulneráveis da pós-modernidade, causa um procedimento em que os mais jovens designam costumes de somente fazer o que bem quiserem. Os pais abdicaram a todas as pretensões dos filhos, invariavelmente, consentindo até mesmo modos inadmissíveis, numa atitude educativa inconveniente.

Deste modo, perante da dificuldade em educar adequadamente os filhos ou da abdicação desse extraordinário papel por parte dos pais, provocam, conseqüentemente, sujeitos que não conseguem encarar os desafios impostos pela vida, nem mesmo se adequar a regras comuns de convívio social.

Silva, (2009). Ressalta que os atos de agressividade ou intolerância que supostamente forem desempenhados podem acarretar danos às vítimas dessas crianças e adolescentes, a escola tem função importante em uma imprescindível modificação nesse quadro de comportamentos agressivos, como o bullying.

Além das inovações indispensáveis perante as mudanças sociais pelas quais suportamos, entendemos que a escola necessita acima de tudo ser um ambiente de fortalecimento das inclusões interpessoais, tendo em vista aprofundar nos alunos os valores desejáveis para uma convivência mais harmoniosa, pode-se assegurar que o papel do professor é fundamental no combate e repressão ao *bullying* em virtude de sua grande influência no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Chalita (2008), o professor é o grande administrador do processo educacional, “A aparição de qualquer instituição”, por mais que se designe na equipagem das escolas. Dada essa grande autoridade ao professor, no que se menciona a conflitos no âmbito escolar em particular na sala de aula, sua importância fica mais presente, sobretudo se o conflito envolver seus alunos e seu desempenho escolar.

Compete destacar, que ensinar é muito mais que conduzir conhecimentos e que os professores precisam se conscientizar e reformular sua atitude de trabalho, pois muitos negligenciam de refletir sobre a aula que vão ministrar, possuindo atitudes imperiosas que quase sempre levam ao preconceito perante do aluno, e que as consequências dessas ações reprimem o educando e disseminam nele sentimentos de conformismo, passividade e desmotivação.

Fante (2008) reforça que essas atitudes educacionais sugerem ser incoerentes à momento em que vivemos, na qual a realidade que cerca o aluno é tecnológica, dinâmica e heterogênea, o que também é em Ferreira-Santos e Almeida (2011).

CAPÍTULO II- INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

1- CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A escola escolhida para a pesquisa adota os pressupostos teóricos de autores como Vygotsky e Paulo Freire pretendendo que o desenvolvimento cognitivo do aluno seja pela interação com o ambiente e as pessoas com as quais se relacionam.

É uma Escola que atende a 827 alunos desde a Educação Infantil ao 7º ano do ensino Fundamental, está localizada na cidade de Igaci-AL, atualmente a mesma dispõe 16 salas de aula em pleno funcionamento, (01) sala de recursos multifuncionais. O corpo docente que atua hoje na escola em número de (22) todos com superior, alguns com especialização e outros concluindo, vale salientar que dos 22 professores que atuam na escola os sete professores entrevistados lecionam no ensino fundamental II, com alunos do 6º e 7º anos que tem idade entre 11 a 16 anos. O tempo de serviço varia de um professor para outro, pois tem profissionais com mais de 25 anos e outros com 4- 8 anos, todos com carga horária de 17 horas e 05 de departamento.

Funcionam dois turnos; matutino e vespertino, no turno matutino atende crianças de 6 a 10 anos, desde a Educação Infantil ao 5º ano, sendo 3 salas de educação Infantil, com 23 crianças, 1º ano 3 salas com 25 crianças, 2º ano 3 salas com 27 crianças, 3º ano com 3 salas com 28 crianças 4º ano com 3 salas com 28 crianças e o 5º ano com 30 crianças, já turno vespertino atende do 5º ao 7º anos, ambos distribuídos em duas salas do 5º ano com 29, dois 6º com 35 e por fim, dois 7º com 26 crianças e adolescentes.

A escola é composta por (01) diretora, (01) vice diretora, (01) coordenadora, (03) vigilantes, (01) secretário escolar, (03) agentes administrativos, (08) serviços e (22) docentes, (01) psicólogo e (02) professores habilitados para atender crianças e adolescentes com necessidades especiais. A mesma é uma escola antiga, tem (01) diretoria, (01) secretaria, (01) cozinha, (05) banheiros, (16) salas de aula, (01) sala de recursos, (01) sala de vídeo, (01) biblioteca, (01) almoxarifado.

Durante o intervalo a conduta dos alunos no pátio da escola é variada: incidem determinados desentendimentos, brincadeiras que poderiam induzir a uma situação mais complicada como aquelas em que se apresentam chutes e empurrões. Observam-se também crianças e adolescentes que se agrupam e assim permanecem e aqueles que ficam isolados. Quanto ao isolamento, implicações similares foram deparadas em um estudo qualitativo, que durante as observações referentes à entrada dos alunos do ensino fundamental para o início das aulas e o horário do recreio, determinados alunos

encontravam-se sozinhos, sem compartilhar de nenhum grupo, considerando-se ser algo peculiar da adolescência.

2.- METODOLOGIA

Procedemos à revisão da literatura, sobre o fenômeno psicossocial do *bullying* em crianças e adolescentes. Os termos utilizados na busca foram delimitados a partir de artigos adequados ao tema com base em pesquisas bibliográficas, tais como: livros e circulares.

Nesta revisão da literatura, foram observados os seguintes critérios de inclusão: artigos com resumos e corpo textual disponível para visualização, além de limitar como objeto de estudos apenas seres humanos.

Ao que se refere aos dados recolhidos aos professores a pesquisa foi desenvolvida numa abordagem qualitativa e quantitativa os instrumentos metodológicos foram (entrevista,) (Anexo 1) registo das falas dos professores e um questionário (anexo 2) que tiveram o papel de fornecer dados de como o bullying se manifesta na escola, e como eles reagem diante deste fenômeno. Aos estudantes foi aplicado um questionário, sendo a sua análise quantitativa (anexo 2).

De acordo com Martins (2011), logo após definido o assunto e o tema, deverá ser realizado um levantamento bibliográfico acerca do que se pretende investigar, com propósito de fundamentar o estudo. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com embasamento em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos. . Faz-se então, a escolha de livros, revistas, jornais, e artigos, por meio da leitura do sumário, prefácio, e trechos do texto.

Martins, (2011) enfatiza que no início das atividades é aconselhável que examine as chamadas obras de referências, ou seja, enciclopédias, dicionários, publicação bibliográfica, circular, etc. Isso irá provocar a construção do trabalho, uma vez que irá indicar precisamente os estudos idênticos ao do investigador. Depois desta seleção, é feita uma análise e a bibliografia deste material.

A metodologia, neste estudo, parte do pressuposto de que o procedimento inclui a noção de historicidade. A maneira ao abordamos a realidade demonstra nossa compreensão do mundo e do homem. As proposições que embasam este processo são historicamente

averiguadas e propagam questões reais da vida humana. Este esboço busca a concepção da realidade e do sujeito como esclarecimento de um momento determinado, tendo como elemento de investigação o sujeito social, ativo e histórico.

3-OBJETIVOS

Para este estudo será apresentado como objetivo fundamental: investigar as características dos atos do bullying ocorridos entre crianças e adolescentes em uma escola municipal da cidade de Igaci-AL, Brasil. Tendo como objetivos especiais; a) Apresentar uma revisão teórica referente ao fenômeno no contexto escolar; b) analisar as abordagens de vários autores a respeito da temática no campo da educação; c) Conhecer a prevalência de bullying em crianças e adolescentes a partir de questionário auto-aplacável do sexto e sétimos anos, da escola Municipal Casinha Feliz; d) Conhecer a opinião dos professores da escola municipal Casinha Feliz sobre comportamentos de bullying; e) Conhecer a opinião dos alunos da escola municipal Casinha Feliz sobre comportamentos de bullying.

4 - PROCEDIMENTOS

Neste trabalho foi utilizada a pesquisa quantitativa e qualitativa.

Para Richardson apud Azevedo (2011) pesquisa qualitativa ajuda no entendimento do universo pesquisado, aumentando as possibilidades de atrair possíveis mudanças do processo social.

Foi aplicado o questionário a 125 alunos numa pesquisa quantitativa e entrevista a 7 professores, do ensino fundamental II, os mesmos leccionam do 6º e 7º ano, em uma escola municipal, na cidade de Igaci-AL. Dos sete professores, dois do sexo masculino e cinco do sexo feminino, compreendidos entre a faixa etária de 27 a 50 anos. Os entrevistados possuem graduação e pós- graduação na área em que atuam. Foram feitas perguntas em relação ao bullying, com opinião pessoal de cada educador. Para garantir o anonimato a identidade dos educadores, optou-se por representá-los em suas falas como: P1, P2, P3, P4 e p5,P6 e P7.

De acordo com Guerra (2006), dois conceitos estão no centro do confronto entre os procedimentos quantitativos e qualitativos: os conceitos de desigualdade e impregnação. O primeiro tenta avaliar que as entrevistas serão desempenhadas induzindo com apreço

a diversidade dos sujeitos a ser estudados. A diversidade pode ser exterior, quando se anseia prover uma imagem total de uma questão, ou interior, quando o objetivo é empreender a diferença dentro de um grupo homogéneo. A apreciação de impregnação desempenha duas funções: sugere o momento em que o investigador deve interromper a coleta de dados e admite generalizar os resultados à natureza de trabalho do grupo estudado.

5 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1- Entrevista realizadas aos professores

O tema *bullying* ainda é visto como algo novo para muitos profissionais, embora os estudos aqui referenciados mostrem ser esse um fenômeno antigo. Visto o quão é importante o envolvimento dos pais, escola e alunos neste meio e o deficiente/vago conhecimento dos profissionais e demais funcionários perante o assunto abordado foram encontrados a presença e conceito do *bullying* no espaço escolar. Apresentamos em seguida as respostas dadas pelos professores, que enumerarei como: p1, p2, P3, p4, p5,p6 e p7.

Tabela 1 – Respostas dos professores às questões sobre bullying

PROF	Na sua sala de aula já incidiu ou incide casos de bullying	Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o bullying, pode trazer consequências para os alunos envolvidos?	Como você acha que deve ser a reação do professor diante de casos de bullying?	Você acha que atitudes por parte do professor podem gerar bullying na sala de aula?	Na sua vida acadêmica estudou alguma vez sobre o bullying? Fora esta pesquisa, já tinha ouvido falar de bullying? Explique.
P 1	Afirmou que em sua sala de aula não acontece casos de bullying. (...) somente brincadeiras comuns às crianças e adolescentes do 7º ano A.	Sim, pois é uma brincadeira que ofende e fere pra vida inteira.	“A reação do professor deve contribuir para que o aluno que cometeu as ofensas contra o colega não as repita novamente	Sim, pois os alunos tendem a imitar os professores, por isso o mesmo tem que tomar muito cuidado com que faz na frente dos alunos.	Na minha vida acadêmica nunca estudei sobre o bullying, nem sobre a violência na escola e nem nada parecido.
P 2	Sim, já aconteceu e quando ocorre eu busco em intervir e conversar com a turma	Podem sofrer consequências psicológicas e para o estudo.	O certo é o professor não permitir de forma alguma que brincadeira aconteçam na classe	Acho que não, porque as crianças usam de apelidos que o professor jamais usou em sala de aula	Nunca estudei sobre o bullying e nunca tinha ouvido falar

P 3	Percebo esses apelidos na minha aula	Podem trazer sim, pois quando acontece a gente	Se eu vejo que a brincadeira foi longe demais aí sim procuro intervir e fazer com que ela interrompa.	Afirma que as atitudes docentes não geram o bullying na sala de aula	Já li algumas matérias sobre o assunto porém na minha vida acadêmica nunca estudei sobre o assunto
P4	Sim, acontecem brincadeiras que atrapalham e fere o outro	Percebe que os alunos ficam Tristes.	Se eu vejo que a brincadeira foi longe demais aí sim procuro intervir e fazer com que ela interrompa.	Afirma que as atitudes docentes não geram o bullying na sala de aula	Já li algumas matérias sobre o assunto porém na minha vida acadêmica nunca estudei sobre o assunto
P 5	Sim, sempre acontecem, tem sempre um grupo de alunos que perturbam com brincadeiras fazendo com que os mesmos se sintam constrangidos	Sim, pode trazer consequências que levam o aluno ao desespero, ao constrangimento	O professor deve ter uma conversa com a turma,	Sim, pode que o professor respeite seu aluno para também ser respeitado	Na minha vida acadêmica nunca ouvi falar de bullying
P 6	Sim, sempre acontecem, tem sempre um grupo de alunos que tem atitudes diferente,	Sim, sempre acontecem, tem sempre um grupo de alunos que tem atitudes diferentes,	O professor tem de ser amigo de seus alunos acima de tudo, conversando com eles e explicando a importância do respeitar ao próximo para ser respeitado	Eu acredito que as atitudes docente podem gerar bullying na sala de aula	Já ouvi falar inclusive já assisti palestra sobre o bullying
P7	Não, acredito que só existe entre os alunos brincadeiras,	Certamente, as ofensas pessoais, podem causar danos psicológicos, como depressão,	Simplesmente repreendo os alunos causadores e faz com que estes reflitam sobre os seus atos.	Sim, pois muitos professores estão na sala de aula por falta de opção, não estão	

		isolamento, desinteresse pelos estudos .		preparados	
--	--	--	--	------------	--

QUESTÃO 01: Para você, o que é Bullying?

P1. “No meu ponto de vista eu acho que bullying é tudo aquilo que importuna no outro uma percepção de tristeza, de incoerência de defesa, de constrangimento, de humilhação.”

P2. “Eu acho que o bullying é tudo aquilo que as pessoas não são comuns então tudo o que é desigual é renunciado, e aí as pessoas por não terem abrangência elas reagem atacando, não estão habituadas com as diferenças

P3. “É um tipo de racismo.”

P4. “Bullying para mim, é um preconceito que as pessoas criam.

P5. “(...) é perseguir essa pessoa, falar mal, ofender, acredito que seja isso.”

P6. “Tenho por bullying como circunstâncias constrangedoras

P7. “Às vezes, você fala uma asneira e a pessoa já acha aquilo é uma ameaça, e às vezes, nem é, é um modo vida da pessoa ser.”

Com relação às formas de bullying os professores apontam como fundamentais a agressão psicológica como xingamento, constrangimento, insistência, humilhação e ofensas. Mas incumbe salientar que nas falas dos entrevistados não se encontra vestígios de que todas essas manifestações tenham sido observadas dentro da escola.

Alguns entrevistados ficavam amedrontados em responder algo relacionado ao fenômeno e impressionados em infligir o melhor significado. Essa imprecisão com relação ao conceito bullying, pode estar relacionada à ausência de discussão do tema pelos profissionais, dar a entender que possivelmente não sabem identificar e combater quando o mesmo incide na instituição de ensino.

Nesta análise, outra questão observada foi como a prática do bullying que é vista de forma natural por alguns entrevistados. Miranda MIF, Oliveira (2011) Ressalva que Algumas vezes, é mencionado como conflito, discórdia por vezes tediosos, até mesmo comuns dependendo da faixa etária. Miranda MIF, Oliveira (2011) Todas essas definições pouco se aproximam da realidade e do entendimento de que o bullying é caracterizado pela intencionalidade e continuidade dos atos agressivos contra uma mesma vítima, sem

motivos aparentes, resultando em danos e sofrimentos e dentro de uma relação desigual de poder. A noção dos professores ainda é bastante simplista.

Ainda segundo o autor, a desinformação e a naturalização sobre o fenômeno foram constantes nos discursos, contribuindo para que o bullying fosse retratado como fatos típicos da idade, respostas banalizadas e até mesmo insensatas, sob a visão educacional, compuseram respostas evasivas e pouco comprometidas com a identificação apropriada do fenômeno e, por conseguinte com modificação.

O que vem sendo depreendido, é a preocupante banalização da violência. Não podemos afirmar que são “brincadeiras”, “crises” ou relevar pela faixa etária, pois não sabemos o anseio que é instigado no outro por meio desse tipo de conduta.

A apreensão quanto às implicações do fenômeno acarretou no surgimento da Temática dimensão dos efeitos do bullying sobre o clima escolar. Há poucos estudos com relação a este tema para se chegar a alguma conclusão sobre o que pode acontecer realmente por decorrência da prática desse tipo de violência ao ambiente escolar.

QUESTÃO 02: Na sua sala de aula já incidiu ou incide caso de bullying?

P1. Afirmou que não acontece casos de bullying(...) somente brincadeiras comuns as crianças e adolescentes do 7º A.

P2. Sim, já aconteceu e quando ocorre eu busco intervir e conversar com a turma.

P3. Percebo esses apelidos na minha aula.

P4. Estou aqui para ensinar e o aluno para aprender e o que acontece nos arredores da escola é a direção da mesma quem deve resolver.

P5. Sim, sempre acontecem, tem sempre um grupo de alunos que perturbam com brincadeiras, fazendo com que os mesmos se sintam constrangidos.

P6. Sim, sempre acontecem, tem sempre um grupinho de alunos que tem atitudes diferentes.

P7. Não, acredito que só existe entre os alunos brincadeiras.

Em resposta a essa questão, somente a professora 1 afirmou que em sua sala de aula não acontece ou aconteceu casos de bullying (...) apenas brincadeiras comuns às crianças e adolescentes do 7º ano A.

De acordo com as observações realizadas, foi possível analisar que as professoras 3 e 7 são muito estimadas pelos alunos, não se mostrando docentes audaciosas a todo o tempo, mas que, no entanto são muito respeitadas pelos alunos.

As mesmas não têm por costume dar as broncas, expondo os alunos as condições constrangedoras, conservando um ambiente de dialogo com os alunos. Durante o tempo de observação, não foi admissível identificar casos de *bullying* nestas salas de aula, simplesmente brincadeiras entre as crianças, que se mostraram muito amigas uma das outras.

As demais professoras já vivenciaram ou ainda vivenciam casos de *bullying* em suas salas de aula.

Durante o tempo de estabilidade nas salas das professoras 3, 4 e 7 não foram identificados casos de *bullying*, somente conflitos e brincadeiras entre as crianças e os adolescentes, brigas comuns nas salas de aula, no entanto as professoras mostraram-se docente integralmente presentes, não admitindo tais brigas, dialogando com a classe e esclarecendo o que é certo e o que é errado. Os alunos têm uma grande consideração pelas professoras, que raramente se mostraram docentes arrogantes, todavia, quando fala com firmeza com os alunos, os mesmos correspondem logo em seguida.

De acordo com as observações realizadas, pode-se observar que os professores 3, 4 e 7, são docentes que procuram não se envolver muito com seus alunos, segundo elas, em uma conversa informal, percebe-se que não se preocupam muito, uma das professoras; relatou que estava ali para ensinar e o aluno para aprender e o que acontece nos arredores da escola é a direção da mesma quem deve resolver, eu como pedagoga achei um absurdo a fala desta professora, uma outra relatou que estava para se aposentar e não quer entrar em detalhes sobre o fato só está preocupada em desempenhar o papel de ensinar. Mostrou-se uma extraordinária professora no que se diz respeito aos conteúdos transmitidos para os alunos, entretanto se mostrou ausente com importância a problemas que acontecem no interior da sala de aula.

De acordo com as observações realizadas nas salas, foi possível identificar alguns casos de *bullying*. Os professores 2 e 6 mostram-se muito exigentes com os autores das brincadeiras, pede a todo momento para que eles terminem as brincadeiras, se mostram muito presente e preocupadas com a vítima, mas em nenhum momento durante as observações os professores fizeram com que os autores refletissem sobre o que estavam fazendo, mantendo um diálogo com os alunos, somente ordenou que cessassem as brincadeiras, e assim fez pelo tempo que estive a observá-la na sala.

Com a análise dessa questão já é admissível ressaltar que os professores têm um papel essencial na prevenção e combate ao *bullying* na sala de aula, pois na sala de aula em que professor se mostra distante e não intervém nas brincadeiras maliciosas, o *bullying* está presente.

QUESTÃO 03: Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o bullying, pode trazer consequências para os alunos envolvidos?

P1. Sim, pois é um tipo de brincadeira que ofende e fere pra vida inteira.

P2. Podem sofrer consequências psicológicas e para o estudo.

P3. Podem trazer sim, pois quando acontece a gente percebe que os alunos ficam tristes.

P4. Sim, tanto para os alunos como para suas famílias.

P5. Sim, pode trazer consequências que levam o aluno ao desespero, ao constrangimento.

P6. Sim, pois pode levar o aluno a não querer estudar, nem sair de casa com vergonha.

P7. Certamente as ofensas pessoais podem causar danos psicológicos, como depressão, isolamento, desinteresse pelos estudos.

Todos os professores de certo modo acreditam que a ocorrência de bullying pode gerar algum tipo de consequência para suas vítimas, sejam elas psicológicas ou consequências nos estudos, como o mau desempenho escolar.

De acordo com as respostas obtidas pôde-se constatar que os professores têm a percepção dos males que o bullying pode causar nos alunos envolvidos. Como já foi discutido, em algumas salas de aula não pode se observar casos de bullying, apenas conflitos comuns entre as crianças se os adolescentes o qual os professores intervém de maneira eficaz e sem autoritarismo. Não permitem insultos pessoais de aluno para aluno no interior da sala de aula, dialogando sempre com os mesmos e, mantendo um bom dialogo com os fazendo que estes reflitam sobre as suas ações.

Como já foi dito anteriormente, alguns professores se mostram muito preocupados com a vítima do bullying, conversa com os alunos envolvidos, pedem para que não se importe com as "brincadeiras, a todo o momento ordena o fim das mesmas, no entanto em nenhum momento faz com que os autores reflitam sobre suas ações, mantendo um diálogo com eles, pois quando falamos em autores estamos nos referindo as crianças e adolescente de 9 a 14 anos de idade. Em um primeiro instante os alunos obedecem, pois

mantém um bom relacionamento com os alunos. Também tem a consciência de que o bullying pode acarretar consequências para as suas vítimas, por já terem sido vítimas, e acreditam que as consequências variam de pessoas para pessoa, de acordo como lida com a situação.

A professora 3 é mais uma docente que sabe das consequências que o bullying pode acarretar em suas vítimas, mesmo que não entenda muito, ela tem a consciência de que as consequências podem ser graves, tanto no psicológico das vítimas como nos estudos. Assim como a professora 2 e a professora 5 mantém um bom dialogo com seus alunos, fazendo com que estes reflitam sobre os seus atos, dialogando sempre a importância do respeito ao próximo e as diferenças individuais de cada um.

QUESTÃO 04: Como você acha que deve ser a reação do professor diante de casos de bullying?

P1. A reação do professor deve contribuir para que o aluno que cometeu as ofensas contra o colega não as repita novamente.

P2. O certo é o professor não permitir de forma alguma que brincadeiras aconteçam na classe.

P3. Se eu vejo que a brincadeira foi longe demais aí sim, procuro intervir e fazer com que ela seja interrompida.

P4. Procuro conversar com a turma mostrando para eles que brincadeiras não prestam.

P5. O professor deve ter uma conversa com a turma.

P6. O professor tem de ser amigo de seus alunos acima de tudo, conversando com eles e explicando a importância do respeitar ao próximo para ser respeitado.

P7. Simplesmente repreendo os alunos causadores e faço com que estes reflitam sobre seus atos.

Esta questão refere-se à ideia dos docentes com relação à reação perante casos de bullying na sala, ou seja, como eles dar valor apropriado ao agir e depararem com essas situações. Os professores além de concordarem que devem ter uma postura perante do problema fazem uma menção de como deve ser essa postura, ponderando a importância do diálogo e advertindo que o professor deve ter atitudes que contribuam para a reflexão dos alunos envolvidos, de forma que essas atitudes agressivas não se repitam também concordam que o professor deva tomar uma atitude com relação a casos de bullying,

porém não cita em nenhum momento como deve ser essa atitude em relação ao problema. Ainda com relação a atitude docente, de acordo com as entrevistas, a professora simplesmente repreende o aluno causador da ofensa, dando a chamada “bronca”, porém não explica para o aluno o porque foi repreendido.

Em nenhum momento durante as entrevistas foi possível notar uma postura da professora com relação às “brincadeiras” citadas anteriormente. De uma maneira autoritária ordena para que os alunos cessem as brincadeiras através de gritos com os mesmos. Também pouco se mostrou preocupada com os alunos causadores das ofensas. Simplesmente não queria ter sua aula interrompida pelas tais brincadeiras, que já foram citadas como comum nas salas de aula.

Os professores realmente tentam de alguma forma prevenir e combater o *bullying* na sala de aula, porém ao se exaltar devido as ofensas, eles simplesmente repreendem os alunos causadores e não fazem com que estes reflitam sobre os seus atos.

A professora 1, apesar de estar atuando na profissão apenas 4 anos, esta é um exemplo de como lidar diante de brincadeiras que podem vir, com o decorrer do tempo a se tornarem *bullying*. Ela trabalha muito a questão do respeito ao próximo, do respeitar as diferenças na sala de aula. Em sua sala os alunos brincam uns com os outros, mas durante as observações não foi possível identificar nenhum caso de *bullying*, e quando um aluno, mesmo que por brincadeira ofende o colega, a mesma não as permite, sempre conversando com os alunos e explicando o porquê de não fazer.

Analisando essas atitudes dos docentes, verifica-se que chamar atenção não é válido por um longo período, pois passado algum tempo o aluno volta a praticar os insultos e ou agressões. Todavia, a atitude docente que leva o aluno a refletir os seus atos é muito correta, pois o aluno realmente aprende e entende o porquê foi advertido, refletindo desta maneira sobre suas ações.

QUESTÃO 05: Você acha que atitudes por parte do professor podem gerar bullying na sala de aula?

P1. Sim, pois os alunos tendem a imitar os professores, por isso o mesmo tem que tomar muito cuidado com que faz e fala na frente dos alunos.

P2. Acho que não, porque as crianças usam de apelidos que o professor jamais usou em sala de aula.

P3. Afirma que as atitudes docentes não geram o bullying na sala de aula.

P4. Sim, pois o aluno se espelha no professor.

P5. Sim, pode, que o professor respeite seu aluno para também ser respeitado.

P6. Eu acredito que as atitudes docentes podem gerar bullying na sala de aula.

P7. Sim, pois muitos professores estão na sala de aula por falta de opção, não estão preparados.

Esta é uma questão muito importante para a atual pesquisa, é através dela, que o professor irá refletir além de tudo sobre os seus atos, não só em função de prevenir ou combater o bullying, e sim refletir que a atitude docente também pode gerar o bullying na sala de aula.

A professora 2, de acordo com a análise de sua resposta, tem a consciência de que as atitudes por parte do professor não podem gerar bullying na sala de aula e além de intervir de uma maneira positiva nas brincadeiras ofensivas que podem se tornar bullying, esta procura ter atitude de igualdade para com todos os alunos, não demonstrando preferência e nem tampouco isolando os alunos.

A cautela da professora é igual para com todos os alunos, tanto para os considerados como bons alunos tanto para os mais ativos, que gostam de conversar nas aulas, os que não fazem o dever corretamente.

A professora 3 acredita que a sua atitude não insinua no aparecimento de bullying. Porém ela não compreende que muitas das brincadeiras injuriosas que ocorrem no interior de sua sala de aula são decorrentes de suas atitudes diante os alunos.

A professora 1 afirma que as atitudes dos docentes geram o bullying na sala de aula. Porém, um dos casos de bullying que ocorrem em sua sala por não ter um desempenho escolar satisfatório, muitas vezes é repreendido pela professora, na frente dos demais por não conseguir resolver as lições. Inconscientemente, ela reforça o apelido, pois em vez de incentivá-lo a aprender, ensinando-o exercício. A professora 1 repreende o mesmo, afirmando que já explicou o exercício e que é obrigação do aluno fazê-lo corretamente, chamando o muitas vezes de preguiçoso. O que esta professora ainda não percebeu em sua profissão, é que realmente há alunos com facilidade no aprendizado e outros já apresentam uma dificuldade maior, em que o papel do professor é fundamental no bom desempenho dos alunos e também tem o papel de descobrir porque certos alunos apresentam dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e assim auxiliá-los da melhor maneira possível.

Como foi dito na resposta da professora os alunos tendem a repetir a forma como os professores se remetem aos seus alunos, e dependendo de como o mesmo se remete ao aluno, este pode sim, se tornar uma vítima de *bullying*.

Durante as entrevistas, o fato de *bullying* ocorrentes nas salas de aula não são oriundos da maneira como estes tratam os alunos, mas como foi descrito na análise da Questão 1, os casos de *bullying* existem nesta sala de aula devido a falta de dialogo e atitude por parte de alguns professores, que deseja que o *bullying* cesse em sua sala de aula, porem ainda não encontrou uma maneira de fazer com que os alunos reflitam sobre as suas ações, os casos de *bullying* existem nessa sala de aula por falta de dialogo da professora para com os alunos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, atitudes respeitadas devem partir do professor, e os professores p 3 e p4 e p6 seguem exatamente esta afirmação. Trata todos os alunos igualmente, não causando assim motivos para que os alunos zombem uns dos outros devido o modo de como foram tratados pela professora. Pode-se então concluir que as atitudes por parte do professor podem gerar casos de *bullying* na sala de aula, pois os alunos tendem a imitar o professor. Se o professor tem por hábito falar a nota da prova em voz alta perante a sala de todos os alunos, certamente irão caçoar do aluno que tirou uma nota insatisfatória. Porém essas brincadeiras também podem acontecer e acontecem sem que os alunos se baseiem nas atitudes docentes, como é o que acontecem na maioria dos casos observados em sala de aula e descrito nas questões anteriores.

QUESTÃO 06: Na sua vida acadêmica estudou alguma vez sobre o bullying? Fora esta pesquisa, já tinha ouvido falar de bullying? Explique.

P1. Já ouvi falar, inclusive já assisti palestras sobre o bullying.

P2. Nunca estudei sobre o bullying e nunca tinha ouvido falar.

P3. Já li algumas matérias sobre o assunto, porém na minha vida acadêmica nunca estudei sobre o bullying.

P4. Não, eu acredito que os professores que me ensinaram não sabiam, talvez por não parecer tão visível como hoje em nossas escolas.

P5. Na minha vida acadêmica nunca ouvi falar de bullying.

P6. Na minha vida acadêmica nunca estudei sobre o bullying, nem sobre violência na escola e nem nada parecido.

P7. Não, talvez por não existir tantas brincadeiras de mau gosto.

Esta questão tende a saber do docente se este, no transcorrer de sua formação estudou sobre o bullying e suas consequências. Segue-se as respostas que os professores deram ao questionário:

Pela análise das respostas na vida acadêmica nunca estudaram sobre o bullying, na escola e nem nada parecido. Já ouviram falar do bullying em programas de TV e leram também em uma matéria de revistas e jornais, acharam interessante e perceberam que o bullying é muito comum na escola, só que alguns professores não estão inteirados que essas brincadeiras se chamam bullying”.

De acordo com as respostas dos docentes, ficou claro que o bullying ainda é muito pouco divulgado e que na formação dos professores este fenômeno nunca foi estudado. A pouca informação que tinham sobre o assunto foi obtido através de reportagens na mídia e em publicações sobre o tema em revistas educacionais. Mas nunca tiveram um estudo sobre o bullying e suas consequências.

Embora a maioria dos professores participantes afirmasse não terem grandes conhecimentos sobre o bullying e suas consequências, os professores 2 e 7 se mostraram docentes voltados não somente para os conteúdos acadêmicos e sim também para o desenvolvimento emocional e psicológico dos seus alunos, não permitindo portanto as brincadeiras ofensivas referentes a prática do bullying, ao contrário da professora 1, que se mostrou uma excelente profissional com relação à prática docente, porém se mostrou uma pessoa que não gosta e nem quer se envolver com seus alunos, mantendo com estes uma relação meramente profissional.

Entretanto, para se prevenir a ocorrência de bullying na sala de aula, não é essencialmente fundamental que o professor conheça o contexto de bullying e suas consequências, pois o bullying nada mais é do que o desrespeito ao próximo, a não aceitação das diferenças, tanto físicas, quanto sociais, religiosas, por fim, as diferenças existentes de um ser humano para outro. Para se prevenir, portanto do bullying, é necessário uma postura do professor com relação à classe, trabalhando com seus alunos todos esses aspectos citados anteriormente.

Entretanto, não podemos impor exclusivamente ao professor a responsabilidade de precaver e combater o bullying na sala de aula, mas sim que ele tem uma função essencial para que o bullying não faça parte do cotidiano escolar.

Espera-se com esse trabalho de pesquisa, ter contribuído com a ampliação e a reflexão sobre a importância do papel do professor frente ao *bullying* e de suas atitudes perante os alunos, no qual ficou comprovada através da literatura e das observações realizadas em sala de aula que podem gerar casos de *bullying* entre os alunos. O professor não deve, portanto dar oportunidades através de suas ações para que casos de *bullying* venham acontecer no ambiente escolar.

QUESTÃO 7- Você já sofreu ou presenciou algum caso de Bullying? Justifique sua resposta.

P1. Não

P2. Sim, tentei explicar que não podiam fazer aquele tipo de brincadeira, pois causaria constrangimento para todos da família.

P3. Não.

P4. Sim, mostrei para eles que atitudes desta maneira podiam ocasionar problemas de saúde.

P5. Não.

P6. Sim, já sofri, por parte de alguns colegas me chamando de gorda.

P7. Sim, já sofri e também presenciei, foi muito difícil, mas consegui superar.

Os professores P1, P3 e p5, responderam que nunca sofreram ou presenciaram algum caso de Bullying, já o p2, p4 p6 e p7 afirmaram ter sofrido, dá a entender que este fenômeno sempre existiu, só que de maneira mais lenta, hoje sabemos que o problema não é novo e pode ser encontrado nas escolas, sejam públicas ou privadas.

QUESTÃO 8- O que é preciso fazer para combater este fenômeno?

P1. É preciso conscientizar as pessoas deste fenômeno.

P2. É preciso mobilização das escolas, para conscientizar as pessoas deste fenômeno que está prejudicando a todos, principalmente as famílias dos que sofrem o bullying.

P3. É preciso que os governantes invistam mais em palestras.

P4. É preciso mostrar a sociedade que todos temos direitos iguais e que todos humanos devem ser tratados sem nenhum tipo de violência.

P5. É preciso que o governo haja de maneira mais rígida com as pessoas que praticam esse ato violento.

P6. É preciso encaixar cada vez mais o ensino nas escolas que enfoque a não violência e despertara conscientização de todos para evitar que problemas maiores ocorram.

P7. É importante que todos tomem consciência que isso é algo grave que pode fugir do controle caso não seja tratado da maneira como se deve, procurando uma punição para quem pratica esse fenômeno.

Pelas respostas dadas, foi presumível entender que a primeira medida a se adotar em relação à problemática do *bullying* é a conscientização da existência dele no âmbito escolar. Em que percebermos que muitos profissionais resistem em assumir a existência do *mesmo* por falta de conhecimento e ou habilidades no combate e prevenção dos atos de violência, aparentemente este não é o caso dos professores da escola, já que os mesmos mostraram serem pessoas conscientes e com compromisso com seu trabalho. Mas, apesar da boa vontade são imprescindíveis medidas metódicas para o combate e prevenção, advertindo também que o *bullying* é uma violência difícil de detectar e muitas vezes é confundido com brincadeiras banais entre as crianças e os adolescentes.

Questão 09-Na sua percepção, quais seriam as consequências do fenômeno e que danos poderiam causar aos envolvidos?

P1. Enfatizou que num primeiro momento aborda diretamente o envolvido, porque o aluno perde o estímulo de vir para a escola, desinteresse, não quer mais fazer as atividades escolares, não quer estudar.

P2. Compromete muitas coisas, têm muitas crianças e adolescentes que ficam deprimidos, não querem estudar nem sentem vontade de ir para a escola.

P3. Uns não fazem isso, uns se fecham, ficam retraídos e isso pode se tornar um problema no futuro. Então acho que a escola deve habilitar os professores, pais, alunos contra o *bullying*.

P4. Eu acho que as escolas precisam estar preparadas para deliberar essa questão do *bullying*, não é qualquer brincadeirinha que você tem que induzir e admitir, se constrangeu o aluno eu acho que a escola, os pais, tem que ter informação para transmitir aos demais que não se deve fazer isso.

P5. A criança que passa por transtornos causados por esse fenômeno se torna uma pessoa retraída, sem amigos e desconfiada de tudo a sua volta, não vive uma vida socialmente ativas, buscando sempre lugares isolados e não vive normalmente como as demais pessoas.

P6. É complicado falar, pois tem alguns que passam por cima de tudo isso, e acabam levando uma vida normal, mas a grande maioria passa a se isolar e evitar contato com outras pessoas vive sempre com medo de sofrer novas represálias.

P7. Quem sofre esse fenômeno passa por problemas psicológicos graves, chegando a sofrer depressão, TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo) e não se mistura com os demais, ficando alheio a tudo a sua volta.

Nas falas, foi possível perceber que há um entendimento por parte de alguns dos entrevistados para as consequências negativas que esse tipo de violência pode acarretar ao clima escolar. A perda do interesse referida é gradual, o aluno não sente vontade de realizar as atividades que são passadas e vai adquirindo um distanciamento da instituição de ensino. Algo importante observado, foi o fato da escola conseguir ter um olhar voltado para estas questões, o que muitas vezes é dificultado pelo fato das vítimas não quererem expor para os demais a situação a qual está suportando. Sofrem em silêncio por temer a repressão, e serem excluídos.

Desse modo, é indispensável à sensibilização e a inclusão da comunidade escolar na apreensão e redução do fenômeno. A prevenção pode ser dar início por meio da capacitação dos profissionais, com a finalidade de compreender o fenômeno. Algumas estratégias de interferência e prevenção do bullying podem abranger: refletir sobre os apegos humanos como a moral, cidadania e a ética; valorizando o diálogo, respeito e as inclusões de colaboração; entusiasmo criador de um serviço de denúncia de bullying, e encontros com a família.

Concluindo a pesquisa realizada constituiu-se uma iniciativa da violência em resposta ao objetivo deste estudo, depreende-se o significado das decorrências das manifestações de bullying no espaço escolar, segundo professores. Atendendo aos desígnios, percebe-se que o bullying estabelece um fenômeno pouco compreendido pelos profissionais que atuam nas escolas.

Compreende-se que há a ausência de uma reflexão na aceção de incluir o bullying, como um prejuízo existente no ambiente escolar, que não pode ser visto exclusivamente como brincadeiras de crianças e adolescentes.

Além disso, foram percebidas fragilidades nas instituições escolares, sobretudo com relação aos recursos materiais e humanos, cujos discursos avaliados comprovam que estes aspectos proporcionam para que as manifestações de bullying desenvolvam.

O entendimento do fato existente é primordial, quando o intuito é aperfeiçoá-la. Nesse sentido, considerar as percepções dos professores das distintas circunstâncias de indisciplina e/ou inconveniências incididas no interior da escola foi um etapa importante para envolver as características que abrangem o fenômeno; procurar novas abordagens educativas de prevenção a essa problemática, estabelecer propostas de atos que procurem socializar em meio aos educadores e detentores de solução, o conceito de bullying; suas consequências a curto, médio e longo prazo; além da importância do clima (físico e social) escolar para seu desencadeamento e veemência.

Por meio das questões aplicadas aos professores, foi admissível identificar atitudes positivas ou impresumíveis com inclusão ao bullying. Através das entrevistas desempenhadas, constatou-se a relação de atitudes com a ocorrência de bullying na sala de aula, cada questão contida no questionário foi analisada e discutida.

De acordo com os dados coletados e com o que descreve a importância às bibliografias sobre como o bullying se manifesta, foi presumível identificar casos de bullying nas respectivas salas de aula e também identificar nas ações dos professores investigados caracteres que combatem e previnem o bullying, deste modo como atitudes que sugerem na ocorrência de bullying.

Os resultados neste estudo apontaram que os professores possuem dificuldades em lidar com o bullying tanto em sala de aula quanto em outros ambientes da escola. podemos atribuir essa dificuldade à forma como o bullying é praticado, pois é comum na maioria dos casos os atos violentos serem praticados de forma dissimulada e/ou longe dos olhares do corpo docente.

Constatou-se que os professores, perante os casos de bullying, ressaltam ao aluno a necessidade de intervenção, isso porque o aluno sente-se desamparado em meio às brigas e confusões e almeja que os professores solucionem os conflitos no âmbito escolar, o que reforça o “saber que/ o quê” do bullying em detrimento do “saber como lidar com” ou seja, destaca a importância de conhecer as características e o processo de evolução do bullying além das formas como lidar com essa problemática.

Diante dessa responsabilidade de educar crianças e adolescentes, é imprescindível que o professor assuma um verdadeiro compromisso com a educação, que sejam capazes de perceber e observar as dificuldades dos alunos em se relacionar com os colegas.

Faz-se necessário, portanto, e não de qualquer forma, que o professor busque as ferramentas que facilitem o diálogo e o bom convívio com os estudantes a fim de promover uma boa relação em sala de aula, independente da aceitação dos alunos que a princípio poderão manifestar alguma resistência, embora no decorrer do processo sejam capazes de compreender o valor de uma boa convivência.

5.2. Questionário aplicado aos professores

A respeito da pergunta 10, constatou-se que 71% já presenciaram e 28% dos professores nunca presenciaram.

Verificou-se que 42,86% já presenciaram professor, pedagogo ou outro funcionário da instituição escolar ameaçar fisicamente algum aluno para despertar sua atenção, outros 57,14% nunca presenciaram.(P.11).

Constatou-se que 42,86% já presenciaram professor recolhendo a prova do aluno por ele está colando, mas 57,14% nunca presenciaram.

A respeito da pergunta 13 constatou-se que 14,28% já presenciaram professores suspeitar de cola de aluno e revistá-lo de forma agressiva, já 85,71% nunca presenciou.

A respeito da pergunta 14 verificou-se que 28,57% já presenciaram algum professor suspeitar de trabalho copiado de outro aluno e por justificar sua atitude agressiva, já 71,43% afirmam não ter presenciado.

Sobre a pergunta 15 constatou-se que 14,28% já presenciaram professor/coordenador ameaçar os alunos com expulsão da instituição, 85,71% nunca presenciaram.

Sobre a questão 16, 57,14% já presenciaram algum professor aumentar o nível de dificuldade nas provas como forma de intimidar o aluno, já 42,86% afirmam que não presenciaram tal ato com o professor.

Na questão 17, constatou-se que 71,43% já presenciou algum professor dar faltas como castigo, 28,57% nunca presenciaram castigos vindo do professor

Na questão 18 embora 14,28% tenham presenciado assedio advindo de professor/coordenador/pedagogo, 85,71% afirmam não terem presenciado.

Constatou-se que questão 19. 57,14% presenciaram professor desvalorizar algum aluno, já 42,86% nunca presenciou tal atitude.

Sobre a questão 20, constatou-se que 28% já presenciou professor e demais funcionários da instituição escolar fazer comentários preconceituosos sobre raça, religião contra alunos, 71,43% não presenciou.

A respeito da questão 21; Embora 71,43% já tenha presenciado professor e demais funcionários da instituição escolar ironizar algum aluno, já 28,57% não presenciaram.

A respeito da questão 22, da existência de professor e funcionário discriminar alunos devido sua aparência, 42,36% afirmam já ter visto e 57,14% não.

Constatou-se que na questão 23: Apesar de 71,43 % afirmarem já ter presenciado já 28,57% não presenciaram.

Na questão 24, embora 42,86% afirmam que já ouviram professor pedagogo e diretor comentar sobre os erros de alguns alunos, 57,14% não viram.

Na questão 25, embora 57,14% dos entrevistados disseram já ter presenciado professor, diretor pedagogo e demais funcionários não quererem esclarecer alguma dúvida, 42,86% não presenciaram.

Sobre a pergunta 26, embora, 57,14% afirmaram que conheceu alguém que foi tratado de forma agressiva, já 42,86% afirmaram que não conhecia.

Constatou-se que na questão 27 embora 71,43% conhece alguém que foi expulso ou transferido obrigatoriamente por não cumprir as ordens exigidas pela instituição escolar, já 28,75 não conhece.

Constatou-se na questão 28, que apesar de 28,57% afirmarem ter visto alguém ser humilhado em sala de aula, 71,43 garante nunca ter visto.

Constatou-se que na questão 29, apesar 57,14% já foram humilhados durante sua vida escolar, mas 42,86% asseguram nunca ter sido humilhado em sala de aula.

Na questão 30, embora 71,43% aleguem se sentirem a vontade ao apresentar trabalho em frente os colegas 28,57% alegam não se sentirem a vontade.

Constatou-se na questão 31, que embora 42,86 já tenha presenciado algum colega ser humilhado nos dia de prova, 57,14% asseguraram não ter presenciado.

TABELA 2 - Percentual de respostas dos professores às questões 10 a 31

PERGUNTAS	SIM		NÃO	
	Nº	%		
QUESTÃO 10- Você soube ou presenciou professores tratarem alunos com termos pejorativos ou palavras ofensivas, desagradáveis?	5	71,43%	2	28,57%
QUESTÃO 11 - Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário ameaçar fisicamente um aluno, atirando objetos para despertar sua atenção?	3	42,86%	4	57,14%
QUESTÃO 12- Já presenciou algum professor se deparar com um aluno colando e recolheu a prova de forma agressiva?	3	42,86%	4	57,14%
QUESTÃO 13- Já presenciou algum professor pedagogo suspeitar de cola em dia de prova, e revistou alunos de forma agressiva?	1	14,28%	6	85,71%
QUESTÃO 14- Já presenciou algum professor suspeitar de trabalho copiado de outro aluno e por isso justificou sua atitude agressiva?	2	28,57%	5	71,43%
QUESTÃO 15 Já presenciou algum professor/diretor/coordenador ou funcionário ameaçar os alunos com expulsão da instituição?	1	14,28%	6	85,71%
QUESTÃO 16- Já presenciou algum professor aumentar o nível de dificuldade nas provas como forma de intimidar o aluno?	4	57,14%	3	42,86%
QUESTÃO 17 Já presenciou algum professor dar faltas como castigo?	5	71,43%	2	28,57%
QUESTÃO 18- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário assediar sexualmente algum aluno?	1	14,28%	6	85,71%
QUESTÃO 19 Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário fazer comentários desvalorizando algum aluno?	4	57,14%	3	42,86%
QUESTÃO 20- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário fazer comentários preconceituosos sobre raça ou religião contra alunos?	2	28,57%	5	71,43%
QUESTÃO 21- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário ironizar maneiras de se expressar (sotaque menos comum, gestos, etc.) de algum aluno?	5	71,43%	2	28,57%
QUESTÃO 22- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário dar tratamento discriminatório a algum aluno, devido à aparência física?	3	42,86%	4	57,14%
QUESTÃO 23- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário comentar sobre os erros de algum aluno com os demais?	5	71,43%	2	28,57%
QUESTÃO 24- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário não querer esclarecer alguma dúvida dizendo ser ela desnecessária?	3	42,86%	4	57,14%
QUESTÃO 25- Já presenciou algum professor aplicar prova sem avisar como forma de repreensão?	4	57,14%	3	42,86%
QUESTÃO 26- Você conhece alguém que trocou de colégio por ser tratado de forma agressiva dentro da escola?	4	57,14%	3	42,86%

QUESTÃO 27– Você conhece alguém que foi expulso ou por transferência obrigatória ou requerido pela escola?	5	71,43%	2	28,57%
QUESTÃO 28– Você viu alguém ser humilhado em sala de aula?	2	28,57%	5	71,43%
QUESTÃO 29 - Você foi humilhado por algum momento em sala de aula em toda sua vida escolar?	4	57,14%	25	42,86%
QUESTÃO 30 – Você se sente à vontade para apresentar trabalhos em frente à sua turma?	5	71,43%	2	28,57%
QUESTÃO 31 – Você já presenciou algum aluno ser ameaçado no dia de prova, por algum colega, para dar cola na prova?	3	42,86%	4	57,14%

5.3 - Resultado dos questionários aplicados aos alunos

Foi feita uma sondagem, com os alunos, para saber se eles conheciam o sentido da palavra bullying ou se já tinham escutado falar sobre a palavra bullying, identificou-se que muitos não sabiam do que se tratava. A partir daí foi aplicado o questionário para diagnosticar a ideia das crianças e dos adolescentes sobre o assunto e acerca dos casos de bullying na escola. Veremos estes resultados na tabela 02.

Constatou-se que 68% dos alunos já presenciaram os professores tratarem alunos com termos pejorativos ou palavras ofensivas, desagradáveis. (P.10)

Verificou-se que 44% já presenciaram professor, pedagogo ou outro funcionário da instituição escolar ameaçar fisicamente algum aluno para despertar sua atenção. (P.11)

Constatou-se que 32% já presenciaram professor recolhendo a prova do aluno por ele está colando, mas 68% nunca presenciaram. (P.12)

Verificou-se que 16% já presenciaram professores suspeitar de cola (copiar) de aluno e revistá-lo de forma agressiva, já 84% nunca presenciou. (P.13)

36% já presenciaram algum professor suspeitar de trabalho copiado (plágio) de outro aluno e por justificar sua atitude agressiva, já 64% afirmam não ter presenciado (P. 14).

Constatou-se que 28% já presenciaram professor/ coordenador ameaçar os alunos com expulsão da instituição. (P. 15)

Apesar de 52% já presenciaram professor aumentar o nível de dificuldade nas provas como forma de intimidar o aluno, já 48% afirmam que não presenciaram tal ato com o professor. (P.16)

Verificou-se que 24% já presenciaram algum professor dar faltas como castigo, 76% nunca presenciou castigos vindos do professor. (P.17).

Embora 12% tenham presenciado assédio advindo de professor / coordenador / pedagogo, 88% afirmam não terem presenciado. (P.18)

Constatou-se que 56% presenciaram professor desvalorizar algum aluno, já 44% nunca presenciou tal atitude. (P.19)

Sobre a questão 16% já presenciou professor e demais funcionários da instituição escolar fazer comentários preconceituosos sobre raça, religião contra alunos, 84% não presenciou. (P.20)

64% já presenciaram professor e demais funcionários da instituição escolar ironizar algum aluno, já 36% não presenciaram. (P.21)

Sobre a existência de professor e funcionário discriminar aluno devido sua aparência, 38% afirmam já ter visto e 72% não. (P.22)

Constatou-se que 24% afirmam já ter presenciado e 76% não presenciaram. (P.23)

Apesar de 76% garantirem que já ouviram professor pedagogo e diretor comentar sobre os erros de alguns alunos, 24% não vira. (P.24)

Ainda que 88% dos entrevistados disseram já ter presenciado professor, diretor pedagogo e demais funcionários não quererem esclarecer alguma dúvida, 12% não presenciara. (P.25)

Sobre a pergunta, 60% afirmaram que conheceu alguém que foi tratado de forma agressiva, já 40% afirmaram que não conhecia. (P.26)

Constatou-se que 44% conhece alguém que foi expulso ou transferido obrigatoriamente por não cumprir as ordens exigidas pela instituição escolar, já 56% não conhece. (P.27)

Apesar de 32% afirmarem ter visto alguém ser humilhado em sala de aula, 68% garante nunca ter visto. (P.28)

Constatou-se que 80% já foram humilhados durante sua vida escolar, mas 20% asseguram nunca ter sido humilhado em sala de aula. (P.29)

Ainda 84% aleguem se sentirem a vontade ao apresentar trabalho em frente os colegas 16% alegam não se sentirem a vontade. (P.30)

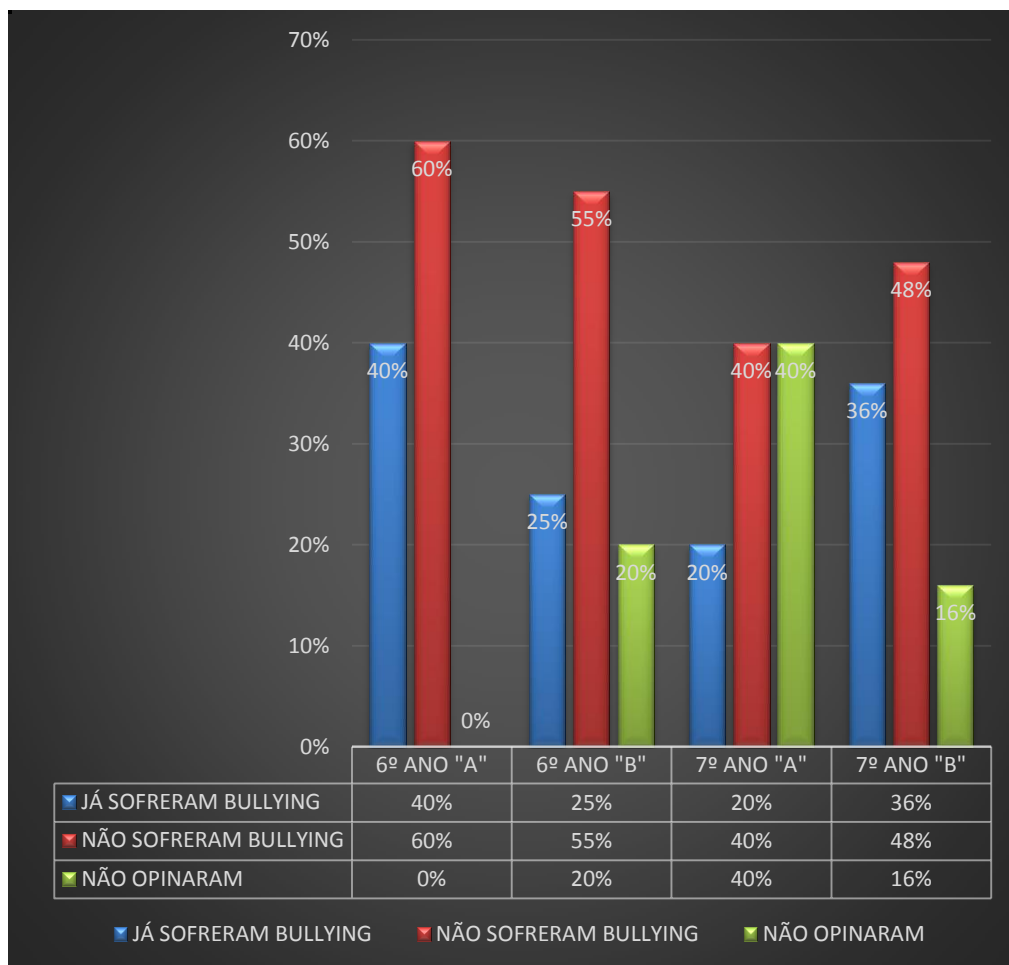
Embora 52% já tenham presenciado algum colega ser humilhado no dia de prova 48% garantiu não ter presenciado. (P.31)

TABELA 3 - Percentual de respostas dos alunos às questões 10 a 31

PERGUNTAS	SIM		NÃO	
	Nº	%		
QUESTÃO 10-Você soube ou presenciou professores tratarem alunos com termos pejorativos ou palavras ofensivas, desagradáveis?	85	68%	40	32%
QUESTÃO 11 -Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário ameaçar fisicamente um aluno, atirando objetos para despertar sua atenção?	55	44%	70	56%
QUESTÃO 12- Já presenciou algum professor se deparar com um aluno colando e recolheu a prova de forma agressiva?	40	32%	85	68%
QUESTÃO 13- Já presenciou algum professor pedagogo suspeitar de cola em dia de prova, e revistou alunos de forma agressiva?	20	16%	105	84%
QUESTÃO 14- Já presenciou algum professor suspeitar de trabalho copiado de outro aluno e por isso justificou sua atitude agressiva?	45	36%	80	64%
QUESTÃO 15 Já presenciou algum professor/diretor/coordenador ou funcionário ameaçar os alunos com expulsão da instituição?	35	28%	90	72%
QUESTÃO 16- Já presenciou algum professor aumentar o nível de dificuldade nas provas como forma de intimidar o aluno?	65	52%	60	48%
QUESTÃO 17 Já presenciou algum professor dar faltas como castigo?	30	24%	95	76%
QUESTÃO 18-Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário assediar sexualmente algum aluno?	15	12%	110	88%
QUESTÃO 19 Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário fazer comentários desvalorizando algum aluno?	70	56%	55	44%
QUESTÃO 20- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário fazer comentários preconceituosos sobre raça ou religião contra alunos?	20	16%	105	84%
QUESTÃO 21- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário ironizar maneiras de se expressar (sotaque menos comum, gestos, etc.) de algum aluno?	80	64%	45	36%
QUESTÃO 22- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário dar tratamento discriminatório a algum aluno, devido à aparência física?	35	28%	90	72%
QUESTÃO 23- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário comentar sobre os erros de algum aluno com os demais?	95	76%	30	24%
QUESTÃO 24- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou	85	68%	40	32%

funcionário não querer esclarecer alguma dúvida dizendo ser ela desnecessária?				
QUESTÃO 25-Já presenciou algum professor aplicar prova sem avisar como forma de repreensão?	110	88%	15	12%
QUESTÃO 26- Você conhece alguém que trocou de colégio por ser tratado de forma agressiva dentro da escola?	75	60%	50	40%
QUESTÃO 27- Você conhece alguém que foi expulso ou por transferência obrigatória ou requerido pela escola?	55	44%	70	56%
QUESTÃO 28- Você viu alguém ser humilhado em sala de aula?	40	32%	85	68%
QUESTÃO 29 - Você foi humilhado por algum momento em sala de aula em toda sua vida escolar?	100	80%	25	20%
QUESTÃO 30 - Você se sente à vontade para apresentar trabalhos em frente à sua turma?	105	84%	20	16%
QUESTÃO 31 - Você já presenciou algum aluno ser ameaçado no dia de prova, por algum colega, para dar cola na prova?	65	52%	60	48%

GRÁFICO 1- PERCENTUAL DE ALUNOS PESQUISADOS POR SÉRIE SOBRE A PERGUNTA: “VOCÊ JÁ SOFREU BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR?”



Conforme as respostas dadas, as tabelas e gráficos foi possível perceber que a violência na escola pesquisada, assim como em outras instituições de ensino, é um fator preocupante, pois o número expressivo de alunos que já praticaram bullying contra seus colegas demonstra a evidência da necessidade das escolas trabalharem em parceria com as famílias, para combater a violência no ambiente escolar.

GRÁFICO 2- PERCENTUAL DE ALUNOS PESQUISADOS POR SÉRIE SOBRE A PERGUNTA: VOCÊ JÁ PRATICOU BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR?

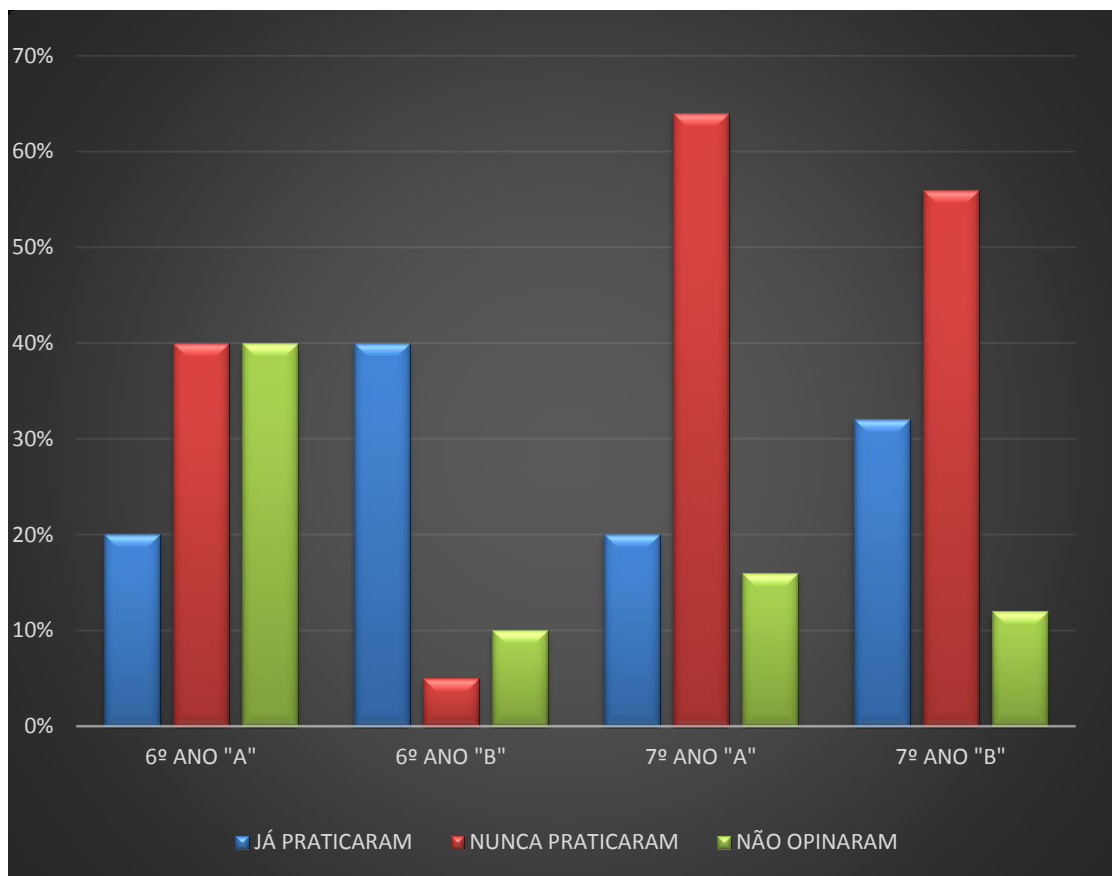


GRÁFICO INFORMATIVO DAS TABELAS B - 1, B - 2 E B - 3.

Desse modo, a violência nas escolas é um tema inquietante, pois alguns alunos já presenciaram atos de violência entre seus colegas, sendo que, as testemunhas preferem ficar no anonimato para que não sejam as próximas vítimas.

Diante deste quadro, supõe-se que nas escolas, a maioria dos alunos são ameaçados por seus colegas, considerando que essas ameaças podem ser verbais ou físicas.

De acordo com as respostas dadas pelos alunos, a sala de aula tem sido o ambiente de maior incidência de agressões entre os colegas. Isso se justifica pelo fato de

ser um ambiente em que os alunos permanecem mais tempo juntos, com isso, gerando desavenças, que na maioria das vezes não são driblados pelos professores, sabendo que o pátio da escola é o espaço em que eles estão mais para brincar e geralmente cria mais conflitos.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência tem sido um dos principais problemas sociais da atualidade, não obstante, essa violência está também inserida no ambiente escolar. A prática do bullying nas escolas vem crescendo de forma assustadora, as manifestações de violência envolvem ameaças, agressões físicas e psicológicas, principalmente entre os alunos. Os danos causados tanto na vítima do bullying, como nos agressores, muitas vezes se tornam irreparáveis do ponto de vista psicológico, motivo este que se tem buscado encontrar soluções através de estudos pedagógicos e até mesmo jurídicos, para que se encontre uma solução e minimize as consequências dessa violência, que em casos extremos podem levar até a morte dos envolvidos.

As modificações e desenvolvimentos sociais por qual atravessamos nos induz a refletir novos padrões, ultrapassar questões culturais e indo de contra o comportamento de todos os envolvidos nesse mal. Vemo-nos na obrigação de progredir, proteger e restringir quaisquer que sejam as discriminações e preconceitos que estiverem entre a dignidade da pessoa humana e a pacificação social.

Refletir o *bullying* no ambiente escolar é uma questão urgente. Suas vicissitudes se difundem sob os olhares de pais, educadores e legisladores, os quais, em sua grande parte, não sabem intervir e/ou prevenir a ocorrência desse fato. Como descrevem Catini, (2004); Fekkes et al., (2005). A deficiência de influência dos responsáveis diante das manifestações de *bullying* na escola parece contribuir para que essas práticas persistam a se refletir neste ambiente e para que apreendam cada vez mais as crianças e adolescentes.

A partir dos resultados obtidos, pode-se concluir que ainda existe muito a ser feito para diminuir casos de *bullying* nas escolas. Em grande parte dos estudos realizados sobre este tipo de violência, identificam-se práticas de *bullying* mais facilmente observadas, tais como agressões físicas e verbais (Bulach et al., 2003; Naylor et al., 2006; Olweus, 2006). Entretanto, práticas mais sutis, que se tornam mais difíceis de ser aferidas por professores e colegas, ainda passam despercebidas pela maioria das pessoas. Pelo fato de não serem combatidas, comumente são as que causam danos mais sérios.

Faz-se imprescindível pensar também acerca de políticas públicas adequadas à realidade do ambiente pedagógico, as quais podem dar procedência a ações de solicitação de um ambiente sadio de desenvolvimento e aprendizagem nas escolas. Investir também na capacitação de professores e dos gestores das escolas para que

possam adotar e interferir mais diretamente sobre as ocorrências de *bullying* uma vez que a sala de aula parece ainda ser um dos locais em que esse tipo de fenômeno mais ocorre - é fundamental como forma de tornar a escola, de fato, um espaço mais saudável para o desenvolvimento de crianças e dos adolescentes.

Por fim, foi admissível concluir que o bullying é algo bastante presente no cotidiano escolar das crianças e adolescentes. Este fenômeno está pertinente com a violência e agressão cometida nas crianças e adolescentes e, na maioria das vezes estes são provenientes de grupos familiares com conduta violenta, logo suas vítimas, normalmente são indivíduos com características temerosas, espantadas e delicadas e que simplesmente são alvo dos agressores.

As vítimas do bullying comumente ficam com consequências psicológicas, não conseguindo na sua vida adulta ultrapassar certos problemas, como ausência de confiança, poucos relacionamentos e amizades. Por outro sentido existem intensos rumores de que as crianças e adolescentes que praticam o bullying possam no futuro tomar comportamentos anti-sociais, ou violentos.

Então se conclui que embora a maioria dos casos de bullying aconteça na escola, a sua precaução necessita centrar-se em toda comunidade, visto que, todos os cidadãos têm uma função importante a exercer no auxílio desta prática. Enfatiza-se, além disso, que as famílias são os elementos essenciais no sentido da direção dos agressores e até mesmo na identificação das vítimas, sabendo que são elas que acompanham estas crianças e adolescentes por mais tempo, tornando-os maiores responsáveis pelo desenvolvimento destes indivíduos, ensinando-lhes crenças e valores seguidos em nossa sociedade.

Com o intento de analisar a ocorrência de *bullying* na escola, Calbo *et al.* (2009) realizaram um estudo com estudantes da 5ª e 6ª séries. Os dados assinalaram que 26,57% dos sujeitos já se envolveram em ocorrências de *bullying* e que os meninos apresentam escores mais altos tanto em comportamentos de agressividade, como de vitimização.

O estudo de Carvalho *et al.* (2009) envolveu entrevistas com adolescentes, que apontaram para diversos aspectos de agressores, vítimas e expectadores, e para diferentes fatores que induzem ao *bullying*, motivo pelo qual não há procedimentos prontos para elaboração de programas anti-*bullying*. Lisboa *et al.* (2009), por meio de revisão análise da literatura, discutiram sobre definição, manifestação, alterações de gênero, papéis sociais, fatores de ímpeto dos envolvidos no processo, presumíveis causas, desencadeadores e consequências do fenômeno *bullying*.

Nessa mesma perspectiva, entretanto por meio de uma pesquisa quantitativa e qualitativa, Francisco e Libório (2009) constataram a existência do fenômeno no ambiente escolar, bem como diferenciaram suas dimensões na realidade estudada.

O estudo de Cristovam *et al.* (2010) utilizou questionários com estudantes do ensino fundamental para identificar a frequência com que ocorrem as situações de *bullying*, os locais de maior ocorrência, os motivos que levam à violência, a aceitação, os pedidos de ajuda e o conhecimento sobre a punição. Os resultados revelaram que 78,8% dos alunos participantes estiveram envolvidos em atos de *bullying* e que as vítimas de *bullying* apresentam mais problemas de saúde e uma tendência quatro vezes maior para o suicídio em comparação a outros escolares.

Kuhn *et al.* (2011) investigaram, por meio de um questionário aplicado a estudantes do ensino fundamental, a frequência com que o *bullying* ocorre em diferentes contextos escolares, relacionando-a com o gênero. Os resultados revelaram que 91% dos participantes alegaram sofrer algum tipo de violência na escola. Além disso, foram constatadas diferenças com relação à manifestação da agressividade e ao gênero.

Nikodem e Piber (2011) analisaram a incidência do *bullying* por meio de questionários aplicados a alunos e professores. Os resultados apontaram para o fato do *bullying*, sendo mais frequentes agressões verbais e agressores do sexo masculino.

Questionários também foram utilizados na pesquisa de Moura *et al.* (2011) com alunos de ensino fundamental. Os resultados indicaram que o *bullying* ocorre com 17,6% da amostra investigada, sendo o tipo de ameaça mais habitual a verbal, seguida da física, emocional, racial e sexual. O *bullying* foi frequentemente associado ao sexo masculino, à hiperatividade e a problemas de relacionamento com os colegas. Além disso, os resultados apontaram que 47,1% das vítimas eram agressores também.

Ainda buscando auxiliar na identificação do *bullying* e de seus fatores de risco no ambiente escolar, Stelko-Pereira, Williams e Freitas (2010) realizaram a validação do questionário de investigação de prevalência de violência escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ávila-Toscano, J. H.; Jaramillo, L. O.; Vega, K. C.; Fuentes, N. C.; 2013
- Ballone, G. J.; Moura, E. C. (2014). *Maldade da infância e adolescência: bullying* - in. PsiqWeb, Internet. 2008. Disponível em: <www.psiqweb.med.br>. Acesso em: 11 mar. 2014.
- Beane, A. L. (2010). *Proteja seu filho do bullying*. Rio de Janeiro, RJ: BestSeller.
- Bandeira, C. M., & Hutz, C. S. (2012). *Bullying: Prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros*. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 35-44.
- Bandeira, C. D. M.; Hutz, C. S. (2010). As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 131 – 138,
- Bezerra, F. C. et al. (2012). *Bullying: uma revisão da literatura*. In: Colóquio Sociedade, Políticas Públicas, Cultura e Desenvolvimento-CEURCA, 2., 2012, Meireles. **Anais..** Universidade Regional do Cariri, Meireles,
- Calhau, L. B. (2011). **Bullying, o que você precisa saber. Identificação, prevenção e repressão**. 3rd ed. Niterói: Impetus,
- Calhau, Lélío Braga. **Bullying**(2010) o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. 2 ed. Niterói, RJ: Impetus,
- Camargo, C. G. (2009) “**Brincadeiras**” **que fazem chorar!** introdução ao fenômeno *bullying*. São Paulo: All Print.
- Chalita, Gabriel. (2008, p. 281)**Pedagogia da Amizade: Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Gente,
- Cerezo, Fuensanta. (2009,p. 383-394) Bullying: análisis de la situación en las aulas españolas. *International Journal of Psychological Therapy*, v. 9, n. 3,
- Fante, C., & Pedra, J. A. (2008). *Bullying escolar: Perguntas e respostas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Fante , Cléo.(2005) **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2.ed. rev. ampl. Campinas, São Paulo: Verus Editora,
- Faustino, R.; Oliveira T.M.; Maher, T.M. 2008. Cyberbullying no Orkut: a agressão pela linguagem. *Língua, Literatura e Ensino*, 3:183-193.
- Fundamental. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.8
- Francisco, M. V.; Libório, R. M. C. (2008) Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. v. 22, n. 2, p.200-207,

- Francisco, M. V., & Libório, R. M. C. (2009). Um estudo sobre *bullying* entre escolares do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 22(2),200-207.
- Guedes , M.N.Terror (2008) *Psicológico no Trabalho*.3ª ed.São Paulo:LTr,
- Hirigoyen, M.-F. (2011) **Mal-Estar no Trabalho, redefinindo o assédio moral**. 6th ed.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,
- Lisboa, C. S. M., Braga, L. L., & Ebert, G. (2009). O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: Definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, 2(1),59-71.
- Leandro, Vera Lucia Damacena. (2013) **Bullying no ambiente escolar**. Crixás, 2013. Disponível em:<<http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/posts/bullying-no-ambiente-escolar/>>.Acesso em: 10 de abril de 2013.
- Leão, L. G. R. O (2010) Fenômeno *bullying* no ambiente escolar. **Revista FACEVV**, Vila Velha, n. 4, jan./jun.
- Lima Joice Santos. **Bullying na escola: Diga Não**. Aracaju, 2013. Disponível em:<<http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/posts/bullying-na-escola-diga-nao/>>. Acesso em: 20 de abril de 2013.
- Lima A. M. DE A. (2011) **Cyberbullying e outros riscos na internet**. Rio de Janeiro: Wak,
- Lisboa, C. S. M. (2005). *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças em idade escolar: Fatores de risco e proteção* (Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil).
- Lisboa, C., Braga, L. L., & Ebert, G. (2009). O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, 2, 59-71.
- Lobo, L.(1997)*Escola de pais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lacerda Editores,
- Lopes Neto, Aramis A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de Pediatria*, vol.81, nº5. Porto Alegre, Nov.2005,p.S164- S172. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em 31 de março de 2012.
- Lopes Neto A. *Bullying: saber identificar e como prevenir*. São Paulo: Brasilense. 2011; 118.
- Lopes Neto A.A.;Saavedra, L.H. 2003.*Diga não para o bullying: Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro, ABRAPIA, p.146.
- Luduk, M.; André, M. E. D.(1986) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 99 p.
- Marchesi, A. *O que será de nós, os maus alunos?* Tradução: Ernani Rosa. PortoAlegre: Ed Artmed, 2006, 192 p.

- Martins C. B. G. e Mello Jorge M. H. P. (2011). *Violência contra crianças e adolescentes: contexto e reflexões sob a ótica da saúde*. Londrina: EDUEL.
- Martins, M. J. D. (2005) Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar :Um estudo empírico. **Análise Psicológica**, v. 4, n. XXIII, p. 401-425,
- Martínez, K. C. (2010). Conducta bullying y su relación con la edad, género y nivel de formación en adolescentes. **Psicogente**, v. 13, n. 23, p. 13–26,
- Melo J. A. De. **Cyberbullying a violência virtual**. 2nd ed. Recife: EDUPE, 2011.
- Melo, Josevaldo Araújo de. **Bullying na escola: como identificá-lo, como previni-lo, como combatê-lo**; Recife: EDUPE, 2010. 128p.
- Middelton-Moz, J., & Zawadsky, M. L. (2007). *Bullying: Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Moura, D. R., Cruz, A. C. N., & Quevedo, L. A. (2011). Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. *Jornal de Pediatria*, 1(87),19-23.
- Neto, A.L. Diga não ao bullying. 5 ed. Rio de Janeiro, ABRAPIA, 2004.
- Olweus, D. (2013). School Bullying: Development and Some Important Challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9(1), 751-780. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516
- Powell, R. A., & Single, H. M. (1996). Focus groups. *International Journal of Quality in Health Care*, 8(5), 499-504. doi: 10.1093/intqhc/8.5.499
- Prado, M.A.H.; Fernandez, I.M.S. 2007. Ciberbullying, um problema de acoso escolar. *Revista Iberoamericana de Educación a Distancia*, 10:17-36.
- Rolim, M. (2008). *Bullying: O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Rolim, Marcos.(2010) bullying o pesadelo da escola. Porto Alegre: Dom Quixote
- Seixas, S. R. Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e / ou vítimas. **Análise Psicológica**, v. 2, p. 97-110, 2005.
- Severino, A.J. (2002) Metodologia do trabalho científico.22 ed. São Paulo: Cortez,
- Sidneya **BULLYING**: Quais as consequências? Maio de 2009. Disponível em: <<http://www.colegioimpactofloriano.com.br/site/noticias/2-ultimas/16-bullying-quais-as-consequencias.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2012.
- Silva, L. C., & Nogueira, M. A. (2008). Indisciplina ou violência na escola: uma distinção possível e necessária. In Gonçalves, L. A. O., & Tosta, S. P. (Eds.). *A síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola* (pp. 15-62). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Silva, Ana Beatriz B. **Bullying: Mentas perigosas nas escolas** / Ana BeatrizBarbosa Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Silva Ana Beatriz B. Conselho Nacional de Justiça, *Bullying*, Cartilha 2010 - Projeto Justiça nas Escolas, 1ª edição. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/images/programas/justica-escolas/cartilha_bullying.pdf

Silva, M. A., Pereira, B., Mendonca, D., Nunes, B., & Oliveira, W. A. (2013). The involvement of girls and boys with bullying: an analysis of gender differences. *Int J Environ Res Public Health*, *10*(12), 6820-6831. doi: 10.3390/ijerph10126820

Trautmann, M. (2008) Maltrato entre pares o “bullying”. Una visión actual. **Rev ChilPediatr**, v. 79, n. 1, p. 13–20,

Zaine, I., Reis, M. J. D., & Padovani, R. C. (2010). Comportamentos de *bullying* e conflitos com a lei. *Estudos de Psicologia* (Campinas), *27*(3), 375-382.

ANEXOS

ANEXO 1

GUIÃO DA ENTREVISTA APLICADO AOS PROFESSORES

QUESTÃO 1- Para você, o que é Bullying?

QUESTÃO 2- Na sua sala de aula já incidiu ou incide casos de bullying?

QUESTÃO 3- Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o bullying, pode trazer consequências para os alunos envolvidos?

QUESTÃO 4- Como você acha que deve ser a reação do professor diante de casos de bullying?

QUESTÃO 5- Você acha que atitudes por parte do professor podem gerar bullying na sala de aula?

QUESTÃO 6- Na sua vida acadêmica estudou alguma vez sobre o bullying? Fora esta pesquisa, já tinha ouvido falar deste fato? Explique.

QUESTÃO 7- Você já sofreu ou presenciou algum caso de Bullying? Justifique sua resposta.

QUESTÃO 8- O que é preciso fazer para combater este fenómeno?

QUESTÃO 9- Na sua percepção, quais seriam as consequências do fenómeno e que danos poderiam causar aos envolvidos?

ANEXO 2**QUESTIONÁRIO APLICADO A ALUNOS E PROFESSORES**

QUESTÃO 10- Você soube ou presenciou professores tratarem alunos com termos pejorativos ou palavras ofensivas, desagradáveis?

() SIM

() NÃO

QUESTÃO 11- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário ameaçar fisicamente um aluno, atirando objetos para despertar sua atenção?

() SIM

() NÃO

QUESTÃO 12- Já presenciou algum professor se deparar com um aluno colando e recolheu a prova de forma agressiva?

() SIM

() NÃO

QUESTÃO 13- Já presenciou algum professor pedagogo suspeitar de cola em dia de prova, e revistou alunos de forma agressiva?

() SIM

() NÃO

QUESTÃO 14- Já presenciou algum professor suspeitar de trabalho copiado de outro aluno e por isso justificou sua atitude agressiva?

() SIM

() NÃO

QUESTÃO 15- Já presenciou algum professor/diretor/coordenador ou funcionário ameaçar os alunos com expulsão da instituição?

() SIM

() NÃO

QUESTÃO 16- Já presenciou algum professor aumentar o nível de dificuldade nas provas como forma de intimidar o aluno?

SIM

NÃO

QUESTÃO 17- Já presenciou algum professor dar faltas como castigo?

SIM

NÃO

QUESTÃO 18- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário assediar sexualmente algum aluno?

SIM

NÃO

QUESTÃO 19- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário fazer comentários desvalorizando algum aluno?

SIM

NÃO

QUESTÃO 20- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário fazer comentários preconceituosos sobre raça ou religião contra alunos?

SIM

NÃO

QUESTÃO 21- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário ironizar maneiras de se expressar (sotaque menos comum, gestos, etc.) de algum aluno?

SIM

NÃO

QUESTÃO 22- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário dar tratamento discriminatório a algum aluno, devido à aparência física?

SIM

() NÃO

QUESTÃO 23- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário comentar sobre os erros de algum aluno com os demais?

() SIM

() NÃO

QUESTÃO 24- Já presenciou algum professor/diretor/pedagogo ou funcionário não querer esclarecer alguma dúvida dizendo ser ela desnecessária?

() SIM

() NÃO

QUESTÃO 25- Já presenciou algum professor aplicar prova sem avisar como forma de repreensão?

() SIM

() NÃO

QUESTÃO 26- Você conhece alguém que trocou de colégio por ser tratado de forma agressiva dentro da escola?

() SIM

() NÃO

QUESTÃO 27- Você conhece alguém que foi expulso ou por transferência obrigatória ou requerido pela escola?

() SIM

() NÃO

QUESTÃO 28- Você viu alguém ser humilhado em sala de aula?

() SIM

() NÃO

QUESTÃO 29- Você foi humilhado por algum momento em sala de aula em toda sua vida escolar?

SIM

NÃO

QUESTÃO 30- Você se sente a vontade para apresentar trabalhos em frente à sua turma?

SIM

NÃO

QUESTÃO 31- Você já presenciou algum aluno ser ameaçado no dia de prova, por algum colega, para dar cola na prova?

SIM

NÃO

32- Para você, o que é Bullying?

33- Você já sofreu ou presenciou algum caso de Bullying? Justifique sua resposta.

34- O que é preciso fazer para combater este fenômeno?

